

MARIA



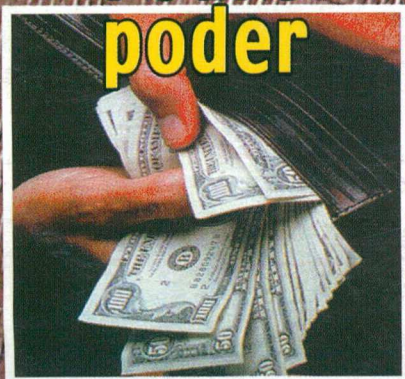
"Procuramos uma única coisa, perceber sempre mais o amor do mesmo Deus que temos em comum e que sabemos ser a solução e o sentido da vida"
(Ir. Maria Madalena).



NOVOS RUMOS

uma comunidade de pessoas que vivem em situação de rua

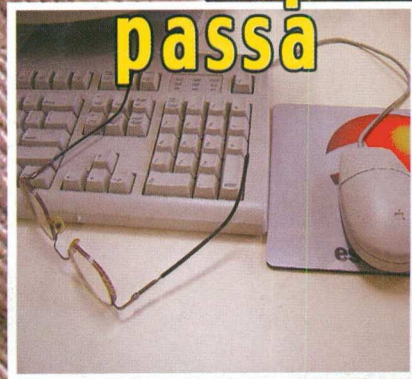
Podre poder



De mãos vazias



O tempo passa



www.aveinternet.com.br

Oração do 11º Intereclesial das CEBs

Santíssima Trindade, a melhor Comunidade!
Sob a bandeira do Divino e nas congadas da alegria,
caminhamos para o 11º Intereclesial das CEBs,
Do Brasil, da Nossa América, do Mundo.

Em comunhão ecumênica,
Com o antigo
novo jeito de ser Igreja,
seguindo a Jesus,
no compromisso com os excluídos,
sempre à procura do Reino.

Os tambores da negritude e as flautas da indianidade
nos convocam a essa folia de fé e de missão,
nas Minas Gerais do ouro da Palavra e da Eucaristia,
do aço em têmpera de Evangelho,
da mineirice da ternura e da sabedoria,
da liberdade da família de Deus.

Ajuda-nos a vivermos uma espiritualidade libertadora,
de oração, de testemunho e de solidariedade,
de corresponsabilidade adulta e de paixão juvenil.

No “grande sertão” da História
e nas “veredas” do dia a dia.
“Abrindo a porta da Igreja” para acolher e partilhar,
militando nas causas do “outro Mundo Possível”,
honrando o sangue das testemunhas fiéis,
peneirando a conjuntura,
peneirando a nossa opção,
sendo fermento de esperança e de vida.

Por Jesus Cristo,
o Crucificado Ressuscitado,
Nossa Páscoa para sempre.
Amém, Axé, Awere, Aleluia!

D. Pedro Casaldáliga

“Seguir Jesus no compromisso com os excluídos” (cf. Lc 4,16-22).

Este é o lema do 11º Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base, CEBs, cujo tema tratou de “CEBs e a espiritualidade libertadora”. O 11º encontro intereclesial aconteceu em Ipatinga, MG, diocese de Itabira - Coronel Fabriciano, de 19 a 23 de julho. www.cebs11.org.br





Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregorian.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz; Djailton Carvalho.

Redação: Adelino Dias Coelho; Avelino S. de Godoy.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy.

Assinaturas: Geraldo José Canesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP

01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou Caixa

Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada

Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu,

SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento anual de R\$ 25,00, referente à assinatura

ou renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por

CHEQUE, em nome da CMF Revista Ave Maria ou DEPOSITO

num dos Bancos: ITAU — Ag. 0061 - C/C 51 519-3 ou

BANCO DO BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos representantes,

que renovam as anuidades em domicílio. As livrarias da

Editora Ave-Maria estão autorizadas a receber os pagamentos

correspondentes às assinaturas da revista *Ave Maria*.

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Se tiver dúvidas sobre sua assinatura,
ou se deseja fazer uma assinatura desta
revista, ligue para nós:

Ligação grátis: 0800-555-021

ou pelo Fax: 3663-3491

ou ainda pela **INTERNET:**

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

Divulgação

Djailton Carvalho: (11) 3823-1060 Ramal 1045

divulgacao.revista@avemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Ao serem visitados por cobradores de assinaturas da revista *Ave Maria*, peçam a credencial fornecida a todos eles.

Lista dos colaboradores

São Paulo: Benedito Carlos Câmara; Fábio Eugênio

Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro

Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Palmira de

Nadai Farias; Sérgio Pierozan; Josevane Victor. **Minas**

Gerais: Vera Teresinha Nunes Sousa; Benedito

Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes. **Goiás:** Sérgio

Pierozan. **Paraná:** Sérgio Pierozan (Curitiba). **Ceará:**

José Erivaldo Lima Miranda. **Merenda Repre-**

sentações: Tel.: (16) 3203.3694; São Paulo,

Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Fé e ações

Passando em frente de uma igreja, ouvi a reza cadenciada de ladainhas “rogai por nós!... rogai por nós!...”. Mais adiante no televisor de um bar, eram noticiados esquemas de corrupção, analisados pela Comissão Parlamentar de Inquerito, CPI, no Congresso Nacional. Atravessei a rua e, noutro bar, a TV também anunciava uma ação da polícia, desmantelando uma quadrilha de tráfico de drogas. Já em casa, a TV mostrava vasta área desmatada na Amazônia, e a polícia prendendo caminhoneiros que transportavam ilegalmente milhares de metros cúbicos de madeira; na seqüência, a declaração de uma autoridade: “iremos tomar as medidas cabíveis...”. Mudei de canal e a notícia era: “viajante com malas cheias de dinheiro é detido...”. Noutro, vi um grupo de pessoas devotamente rezando: “rogai por nós!... rogai por nós!...”, a santa ladainha do rosário.

Será que nossa vocação de cidadãos e cristãos é assistir ladainhas de rezas, desgraças e desmandos apresentados pela cantilena da mídia? Até que ponto as informações que recebemos nos motivam a fazer algo de positivo para a sociedade mudar de rumo e ter mais ética, mais honestidade?

É muito importante ter conhecimento dos fatos e consciência da importância deles e dos resultados que deles decorrem. E é indispensável ter senso crítico para nos situarmos como cidadãos e cristãos atuantes na transformação.

Jesus Cristo compara a postura dos seus seguidores com o sal na terra e fermento na massa. Se perdermos a força de transformação, não serviremos para nada no que diz respeito à salvação proposta no Evangelho. Pior, seremos somente assistentes e daí, pactuadores com o crescimento da corrupção.

Neste número, na Palavra do Papa, “Compromisso das famílias cristãs” (p.6), Bento XVI lembra-nos, embora referindo-se à família, do compromisso que temos com a comunidade: “cada um é chamado a assumir no mais íntimo de si a própria responsabilidade pública.”

Frei Betto escreve sobre a nossa atual conjuntura, em “Podre poder” (p.14), e mostra a profunda ligação que existe entre o poder e o dinheiro, ambição e opressão, materialismo e idolatria. Sem uma pressão popular, diz, não se modificará esse sistema secular de corrupção e tudo poderá acabar em “pizza”.

“Novos Rumos” (p.15) é uma reportagem que mostra uma comunidade de pessoas que vivem em situação de rua. Com o apoio de profissionais, lutam para voltar com dignidade ao trabalho e à sociedade. Um belo exemplo de cidadania cristã corresponsável. O artigo de Maria Clara Luchetti Bingemer: “O que Deus vomita de sua boca” (p.12) discorre sobre o tema da corrupção (tão comentado nesses tempos) e busca na iluminação bíblica lições para purificar costumes, hábitos e práticas cuja freqüência tende a passar por “coisa normal”.

Nesse nosso mundo tão marcado pela tecnologia, somos tentados a ser somente espectadores, quando muito, nos envolver só com as emoções. Diante dos programas de TV, rádio ou reportagens de revistas e jornais, nossa participação deve ir além do dizer “que vergonha!...”, “que barbárie...”, “gol!...”; “rogai por nós!...”.

Agir, fazer algo, mesmo que seja um gesto de levar umas poucas gotas de água para reduzir o fogo, como conta a fábula do passarinho, tentando apagar o incêndio na floresta. Para nós, cristãos, o indicativo de ação está claro no ensinamento de São Tiago (2,17): *a fé sem obras é morta*.

P.C.G.

Revista Ave Maria na internet:
www.avemariainternet.com.br

Prêmio Clara de Assis para a Televisão



Fotos: Arquivo

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB - vem há anos valorizando o trabalho da Comunicação Social no Brasil, com a entrega de vários Prêmios. Chegou a vez de premiar as produções televisivas em favor da cultura brasileira.

Com o objetivo de premiar programas nacionais, produzidos e exibidos pela televisão brasileira e que trazem no seu conteúdo valores éticos, humanos e cristãos, a CNBB, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura, Educação e Comunicação Social lança o Prêmio Clara de Assis para a Televisão.

Trata-se de uma iniciativa de valorização do trabalho dos diretores da televisão brasileira e da promoção de novos produtores, que com talento ajudam na construção de uma sociedade fraterna e solidária. O Prêmio é um espaço de diálogo da Igreja Católica no Brasil com os profissionais da televisão brasileira e com a sociedade, promovendo a leitura crítica da comunicação televisiva. Destina-se a produções das televisões comer-

ciais, educativas e comunitárias de todo o país. Serão premiadas as seguintes categorias: jornalismo, dramaturgia, documentário, musical. Os vencedores receberão o troféu Clara de Assis, em cristal e um certificado.

O prazo para a entrega das produções vai até o dia 1º de abril de 2006. A entrega do Prêmio acontece no dia 11 de maio de 2006, às 20h, no auditório da Rede Vida de Televisão, em Brasília, DF.

Por que o nome Santa Clara para o Prêmio de TV? Clara nasceu em Assis, Itália, em 1193. Pertencia a uma nobre família. Destacou-se desde cedo pela sua caridade e respeito para com os pobres, tanto que ao deparar-se com a pobreza evangélica vivida por Francisco de Assis, quis segui-lo. Enfrentando a oposição da família, Clara abandonou seu lar para seguir Jesus radicalmente. Para isto foi ao encontro de São Francisco de Assis e fundou o ramo feminino da Ordem Franciscana, também conhecido como das Damas Pobres ou Clarissas. Viveu na prática e no amor da mais estrita pobreza.

Mais tarde impossibilitada de participar de forma presencial da eucaristia, teve uma visão na parede do seu quarto do desenrolar da Liturgia tal qual se deu naquela noite. Neste sentido é aclamada como protetora da televisão.

Através de Carta apostólica, de 21 de agosto de 1958, Santa Clara foi pro-

clamada Padroeira da Televisão pelo papa Pio XII. O Prêmio Clara de Assis de TV é instituído pela CNBB neste ano de 2005. Informações: comsocial@cnbb.org.br ou pelo tel.: (61) 313-8316.

Economia solidária

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária lançará no final deste ano uma campanha nacional de divulgação sobre Economia Solidária. A União Cristã Brasileira de Comunicação Social, UCBC, foi a vencedora de um edital que envolveu outras duas organizações e produzirá a campanha de rádio, com *spots* e *jingles*.

O programa piloto, que venceu o edital, foi gravado por Andréa Pinheiro, em Fortaleza, a partir de um roteiro feito por ela, Nanci Alves, Ronizia Gonçalves e Francisco Moraes. Este, compôs e gravou os *jingles* em Natal, em parceria com o Ismael Alves e Ana Cristina Suzina.

Jornada Mundial da Juventude

Entre os dias 11 e 15 de agosto os jovens de toda parte do mundo serão hospedados nas famílias e acomodações em grupo nas dioceses alemãs. Pessoas de toda a Alemanha estão se preparando para receber os peregrinos do Dia Mundial da Juventude.

Jovens conhecerão a cultura, país, língua, tradição e

costumes. Rezando e celebrando juntos, participarão da vida daquele povo e daquela Igreja.

O versátil Programa para os Dias de Encontro nas Dioceses Alemãs, antes do Dia Mundial da Juventude, agora pode ser encontrado com detalhes na internet em www.wjt2005.de <<http://www.wjt2005.de/>>.

Papa mostra determinação no compromisso ecumênico



Vaticano, 30/6. Bento XVI confirmou hoje a sua "firme determinação" de empenhar-se pela "plena unidade" entre todos os cristãos. Recebendo uma delegação do Patriarcado Ortodoxo de Constantinopla, o Papa assinalou que o diálogo ecumênico "é um caminho longo, não fácil, marcado desde o início por receios e hesitações". Após agradecer os esforços de Bartolomeu I, Patriarca ecumênico, Bento XVI desejou o restabelecimento dos trabalhos da comissão mista internacional católico-ortodoxa encarregada do diálogo teológico entre as duas Igrejas.

Segundo o Papa, é fundamental alimentar um "diálogo de verdade", baseado

numa clarificação teológica e histórica. “É necessário unir as nossas forças e não poupar energias, a fim de que o diálogo oficial entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas, começado em 1980, possa ser retomado com vigor renovado”.

O Papa, que não esconde as diferenças que separam estas Igrejas, afirmou que “a unidade procurada pela Igreja Católica não é nem absorção nem fusão, mas respeito por uma Igreja Cristã multiforme”. Nesse sentido, deixou um convite a todos os cristãos para que “dêem, em conjunto, novos passos e promovam novos gestos que possam permitir a superação das incompreensões e as divisões que ainda as separam”.

Assembléia Geral da CNBB

Realiza-se de 9 a 17 de agosto, em Indaiatuba, Itaici, SP, a 43ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. Dia 9, às 8h, haverá celebração de abertura, com palavras de saudação do nuncio apostólico, d. Lorenzo Baldisseri; do arcebispo de Campinas, d. Bruno Gamberini; do prefeito de Indaiatuba, José Onério da Silva; e do responsável pela casa de Itaici, padre Romanelli. O Tema da Assembléia será: Evangelização e Profetismo: Novos Desafios para a Missão da Igreja.

1º Congresso de Teólogos Leigos

Nos dias 1º e 2 de julho, aconteceu em São Paulo, no auditório do Centro Universitário Assunção, Unifai, Vila Mariana, a 1ª Conferência Arquidiocesana de Teologia do Laicato, promovida pelo Conselho de Leigos da Arquidiocese de São Paulo, CLASP, contando com aproximadamente 100 participantes.

O evento teve por objetivo apresentar algumas das reflexões teológicas desenvolvidas pelos leigos, de diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas, sobre questões relacionadas à vida eclesial e social do laicato.

Os três primeiros painéis tiveram como tema/palestrante: “Teologia do laicato: vocação e missão dos leigos” (prof. dr. Faustino Teixeira – Juiz de Fora, MG; “Análise de conjuntura sócio-política e econômica” (Paulo César Pedrini – coordenador da Pastoral Operária metropolitana de São Paulo), e “Análise de conjuntura eclesial” (prof. Fernando Altimeyer – PUC/SP).

Seguiram-se oito painéis temáticos, relacionando a teologia do laicato com economia, política, cultura/sociedade, ecologia, questões de gênero, educação, comunicação (internet) e cultura indígena. A missa de encerramento foi presidida por d. Tomé Ferreira da Silva, bispo auxiliar de S. Paulo, região episcopal Ipiranga.

• Compromisso das famílias cristãs <i>Bento XVI</i>	6
• Solidariedade e Paz <i>Texto-base da CF'2005</i>	7
• Alimento... é... vida... <i>J. B. Libânio</i>	9
• O tempo passa <i>Antônio Mesquita Galvão</i>	10
• O que Deus vomita de sua boca <i>Maria Clara L. Bingemer</i>	12
• Podre poder <i>Frei Betto</i>	14
• De mãos vazias <i>Carmem Sílvia M. Galvão</i>	15
• Bento XVI e o homossexualismo <i>Luís Corrêa Lima</i>	16
• Novos rumos - uma comunidade de pessoas que vivem em situação de rua <i>Reportagem</i>	18
• Criaturas criativas quem são, na verdade? <i>Francisco Gomes de Matos</i>	22
• A palavra é... Paráclito <i>Luís Erlin</i>	23
• Quem é Maria?... <i>Etel Maria Pereira da Costa</i>	24
• Senhora das Febres <i>Roque Vicente Beraldi</i>	25
• A fascinante luta pelo renascimento? <i>Cristiane Perri</i>	26
• Liturgia da palavra <i>De 12 a 16 de outubro</i> <i>Adelino Dias Coelho</i>	28
• Estou bonita? <i>Antonio José Eça</i>	31
• Vamos cozinhar?! <i>Yvone Barros Oliveira</i>	32
• Uma boa dose de fé <i>Tina Glória/História: Ademir A. Barbosa</i>	33

Compromisso das famílias cristãs

No dia 6 de junho, Bento XVI inaugurou, na Basílica de São João de Latrão, em Roma, Itália, os trabalhos do Congresso Eclesial Diocesano. Apresentamos um trecho do discurso, por ele pronunciado naquela oportunidade:

“...Matrimônio e família não são, na realidade, construção sociológica casual, fruto de particulares situações históricas e econômicas. Ao contrário, a questão da justa relação entre o homem e a mulher afunda suas raízes dentro da essência mais profunda do ser humano e pode encontrar sua resposta só a partir dela. Isto é, não pode estar separada da pergunta antiga e sempre nova do homem sobre si mesmo: quem sou? O que é o homem? E esta, por sua vez, não pode ser separada da interrogação acerca de Deus: Deus existe? E quem é Deus? Qual é verdadeiramente o seu rosto? A resposta da Bíblia a estas duas interrogações é unitária e conseqüencial: o homem é criado à imagem de Deus, e o próprio Deus é amor. Por isso a vocação para o amor é aquilo que faz com que o homem seja a autêntica imagem de Deus: ele torna-se semelhante a Deus na medida em que ama.

Deste vínculo fundamental entre Deus e o homem, tem origem outro: o vínculo indissolúvel entre espírito e corpo: de fato, o homem é alma que se exprime no corpo e corpo que é vivificado por um espírito imortal. Também o corpo do homem e da mulher tem, por conseguinte, por assim dizer, um caráter teológico, não é simplesmente corpo, e o que é biológico no homem não é só biológico, mas expressão e

cumprimento da nossa humanidade. De igual modo, a sexualidade humana não está ao lado do nosso ser pessoa, mas pertence-lhe. Só quando a sexualidade se integra na pessoa, consegue dar sentido a si mesma.

Assim, dos dois vínculos, do homem com Deus e, no homem, do corpo com o espírito, brota um terceiro: o vínculo entre pessoa e instituição. A totalidade do homem inclui de fato a dimensão do tempo, e o “sim” do homem é um ir a-



Foto: Arquivo

lém do momento presente: na sua inteireza, o “sim” significa “sempre”, constitui o espaço da fidelidade. Só dentro dele pode crescer aquela fé que dá um futuro e permite que os filhos, fruto do amor, creiam no homem e no seu futuro em tempos difíceis. Por conseguinte, a liberdade do “sim” revela-se liberdade capaz de assumir o que é definitivo: a maior expressão da liberdade não é então a busca do prazer, sem jamais alcançar verdadeira decisão. Aparentemente esta abertura permanente parece ser a realização da liberdade, mas na verdade: a verdadeira expressão da liberdade é a capacidade de decidir por uma doação definitiva, na qual a liberdade, doando-se, reencontra-se plenamente a si mesma.

Em concreto, o “sim” pessoal e

recíproco do homem e da mulher abre o espaço para o futuro, para a autêntica humanidade de cada um, e ao mesmo tempo está destinado à doação de nova vida. Por isso, este “sim” pessoal não pode deixar de ser um “sim” também publicamente responsável, com o qual os cônjuges assumem a responsabilidade pública que garante também o futuro para a comunidade. Com efeito, nenhum de nós pertence exclusivamente a si mesmo: portanto, cada um está chamado a assumir no mais íntimo de si a própria responsabilidade pública. O matrimônio como instituição não é, por conseguinte, ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, a imposição externa de uma forma na realidade mais privada que é a vida; ao contrário, é exigência intrínseca do pacto de amor conjugal e da profundidade da pessoa humana.

As várias formas hodiernas de dissolução do matrimônio, como as uniões livres e o “matrimônio de prova”, até ao pseudomatrimônio entre pessoas do mesmo sexo, são, ao contrário, expressões de liberdade anárquica, que se faz passar indevidamente por verdadeira libertação do homem. Tal pseudoliberalidade funda-se sobre uma banalização do corpo, que inevitavelmente inclui a banalização do homem. Seu pressuposto é que o homem pode fazer de si o que quer: seu corpo torna-se assim coisa secundária, manipulável sob o ponto de vista humano, a ser utilizado como se deseja. O libertinismo, que se faz passar por descoberta do corpo e de seu valor, é na realidade dualismo que torna o corpo desprezível, colocando-o, por assim dizer, fora do ser autêntico e da dignidade da pessoa...”

Bento XVI

Solidariedade e Paz

Felizes os que promovem a paz



Campanha da Fraternidade-2005 Ecumênica

A Campanha da Fraternidade deste ano está sendo realizada ecumenicamente pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, CONIC, e convida-nos à superação da violência e ao cultivo da paz mediante a solidariedade. Já em 2000, o CONIC tinha assumido a CF, também de maneira ecumênica, cujo tema foi: "Dignidade Humana e Paz" e o lema: "Novo Milênio sem exclusões".

CONIC: no momento é constituído por sete Igrejas: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Cristã Reformada, Igreja Episcopal Anglicana, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista, Igreja Ortodoxa Siriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Unida.

Em todo o mundo, cresce a consciência da necessidade de envolver a juventude num processo que capacite os jovens a transformá-lo de forma firme, ativa e pacífica.

- Um marco cada vez mais conhecido: a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Firmada em 1948, vem sendo importante sinal da consciência que exige respeito à dignidade humana. Ao mesmo tempo, a partir da Declaração, surgem avanços teóricos e práticos, que vão englobando direitos civis, econômicos, sociais, vistos cada vez mais como exigências universais.

- Sensibilidade para a ecologia: muitas associações de defesa ecológica têm surgido nos últimos anos no mundo inteiro, exigindo controle ambiental, combate à poluição de todo tipo, desenvolvimento sustentável, rejeição de práticas de devastação planetária. A paz exige que a casa da humanidade inteira não seja agredida.

- Movimento ecumênico e diálogo inter-religioso: os cristãos vão percebendo a necessidade de trabalhar unidos pelos valores do Reino. A paz entre as

diferentes religiões vai sendo sentida como pré-requisito para a paz mundial.

Violência urbana

Em nosso país, quando se fala de violência, normalmente pensa-se em fatos ligados à vida urbana: assaltos, seqüestros, chacinas, violência do trânsito e crimes com o uso de armas de fogo. Frequentemente associada a populações



Foto: Eduardo Ruisso

negras, pobres e socialmente marginalizadas, esse tipo de violência é um sintoma de um problema maior: não confiando nas leis nem na solidariedade social, muitas pessoas recorrem à criminalidade como meio de subsistência. O resultado é que na faixa etária de jovens do sexo masculino a principal *causa de morte* está em fatores não-naturais. No caso da população negra masculina, a pirâmide etária revela uma reentrância (menor número de jovens do que de adultos), fenômeno que normalmente só se observa em situação de guerra.

Violência rural

Persiste também a violência rural. Jagunços, fazendeiros e posseiros têm sido protagonistas dessa disputa sem trégua. As primeiras vítimas foram os povos indígenas. Hoje, a concentração fundiária e a expulsão do homem do campo têm-se tornado um ato permanente de violência no nosso país. O agronegócio também tem sido fator de violência e de morte no mundo agrário. (cf. Comissão Pastoral da Terra, *Confli-*

to no campo, Brasil 2003). Clama-se por uma verdadeira reforma agrária, que ainda está longe de ser feita. Além de responder ao direito dos trabalhadores sem terra, ela ajudaria a fazer uma realocação racional da população no território, que beneficiaria a todos.

Violência econômica

Temos também formas de violência econômica e cultural. Muito sofrimento humano decorre da injusta distribuição da riqueza do país ou das “leis do mercado”. Os dados e os exemplos são muitos: para que uma empresa seja rentável, ela substitui empregados por máquinas, provocando o desemprego; para controlar a inflação, o governo corta gastos com previdência e saúde; quando muita gente quer emprego, os salários baixam.

Violência cultural

A violência cultural costuma ser exercida contra categorias socialmente desprivilegiadas – como os indígenas, negros, mulheres, portadores de deficiências, minorias étnicas, egressos penais, homossexuais. Da violência cultural à agressão física, basta um pequeno passo. Fatos como a queima de moradores de rua, a violência doméstica contra mulheres e crianças, a execução de negros por policiais são uma triste prova desse fato.

Violência estrutural

Muito dessa realidade é um tipo de *violência estrutural*, herdada do processo de colonização que reduziu povos à escravidão e considerou natural a exploração sexual e econômica dos que não tinham como se defender diante de poder dominante. A abolição legal da escravatura, não acompanhada por uma reforma agrária nem por uma legislação

que assegurasse direitos aos trabalhadores, manteve uma imensa parte da população lesada nos seus direitos básicos. Desde o começo, porém, houve focos de resistência a essa situação e hoje vêm ganhando força os movimentos que pedem outra organização social: consciência negra, luta contra o racismo, direitos trabalhistas, respeito aos direitos de mulheres, homossexuais, crianças, idosos, portadores de deficiência.

A violência estrutural se apóia na idéia de desigualdade corroborada pela concentração de renda. Os dados sobre a concentração de renda e riqueza no Brasil são impressionantes: uma pequena parcela da população detém a maior parte da riqueza, tanto quando há crescimento econômico, como quando há recessão, tanto em períodos democráticos quanto em períodos autoritários. Os dados mais recentes mostram que apenas cinco mil famílias (0,01% do total) têm um patrimônio equivalente a 46% do PIB.



Foto: Avelino S. de Godoy

Reação solidária

Por outro lado, tal panorama tem gerado muitas iniciativas de caráter solidário. Moradores se unem em associações, grupos se organizam para conhecer e fazer valer seus direitos e o trabalho voluntário em benefício da comunidade tem tido um crescimento expressivo.

Colaboração das Igrejas

Nessa situação, as Igrejas têm um papel importante. Muitas delas são amenizadas, resolvidas, superadas pelo esforço de grupos de voluntários ligados às Igrejas. Tanto na educação para a paz, como na prevenção à violência e na recuperação de transgressores elas têm sido bastante ativas. No entanto, também as Igrejas muitas vezes fazem parte do problema. Confrontaram-se no passado e ainda gastam em enfrentamento mútuo energias que devem estar voltadas para o trabalho do Reino.

Igrejas falham na tarefa de serem promotoras da paz de várias maneiras.

- **sendo omissas** diante de problemas sociais graves;
- **atacando-se** mutuamente;
- **transmitindo** uma educação religiosa que favoreça preconceitos;
- **criando** internamente estruturas injustas que ferem ou excluem pessoas;
- **estimulando** a intolerância, ao negar-se compreender e respeitar os diferentes;
- **trocando** a missão de servir pela busca de poder, pessoal ou institucional.

Cabe, portanto, um processo permanente de conversão. Nossa credibilidade depende disso... e o Senhor Jesus espera que levemos a sério o que ele indicou como retrato mais fiel de seus seguidores: *nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* (João 13,35). Esse amor vivido internamente tem que estar evidentemente a serviço de todos, dentro e fora das Igrejas. Buscar diálogo ecumênico é caminho importante, que muitas Igrejas vêm descobrindo, para cumprirem melhor a missão de serem sal e luz num mundo que precisa de ver bem claro o caminho da cura das muitas feridas pessoais e sociais que impedem a vivência da paz.

(Extraído do Texto-base da CF'2005).

Alimento... é... vida...

J. B. Libânio



Foto: Avelino S. de Godoy

Há realidades cotidianas e importantes que freqüentemente escapam de reflexões mais detidas.

Assim, todos os dias nos alimentamos. Mas quantas vezes paramos para refletir não só sobre a qualidade do alimento mas também sobre o modo como fazemos as refeições?

É verdade que atualmente tem crescido e até chegado a exageros doentios uma preocupação pseudocientífica com a alimentação.

Os alimentos embalados trazem uma série de informações sobre taxas de colesterol, glicose, calorias, etc. Mas nada dizem sobre outros aspectos importantes do alimento que é sua inserção no interior de uma cultura.

Agora estamos expostos a outro fenômeno muito mais vigoroso: a globalização dos meios de comunicação social, inundando todo o mundo com os valores e comportamentos dos países centrais, especialmente os dos Estados Unidos da América, EUA. Cabe alertar-nos para a disseminação desses costumes prejudiciais à saúde. Estão em jogo interesses de grandes cadeias de restaurantes e um modo de vida em função do trabalho, sem valorizar as refeições tradicionais. Além disso, vestem-se com rituais coloridos que cativam os olhos jovens.

Os povos foram criando hábitos alimentares à base das experiências comuns de modo espontâneo. É verdade que misturavam alimentos sadios com outros nocivos ao organismo. Não se davam conta da importância de um equilíbrio na alimentação. Portanto, há um avanço da ciência que nos ajuda a ter melhor alimentação, desde que não nos submetamos ao empirismo cientista. Os dados científicos não são os únicos que permitem conhecer um alimento.

Os alimentos devem corresponder ao tipo de clima e cultura. E a cultura se gesta lentamente num processo de experiências, seleção das mesmas e conseqüente normatização. Desse conjunto de intervenções humanas, de experiências acumuladas, tecemos a rede de nosso existir em comum. E as culturas até então mantinham sua identidade e originalidade sem muito esforço, porque dentro delas acontecia o tríplice momento da interiorização, exteriorização e objetivação. Assim cada geração

assimilava o que a anterior tinha exteriorizado e por isso mesmo objetivado em costumes, regras, normas, instituições.

As culturas andavam em paz e por caminhos próprios. O Ocidente já começara há séculos um lento processo de imposição cultural sobre as culturas antigas, primitivas, indígenas nas Américas e em outros continentes. Ele o fez por meio de forte inculcação. Mas apesar de sua violência, ainda era um processo que tinha certa lentidão. Agora estamos expostos a outro fenômeno muito mais vigoroso: a globalização dos meios de comunicação social, inundando todo o mundo com os valores e comportamentos dos países centrais, especialmente os dos Estados Unidos da América, EUA. E a alimentação não se isenta do massacre propagandístico.

Com a globalização da informação o povo brasileiro tem assimilado, pela via do mimetismo exagerado, tipo de alimentação própria do povo norte-americano. É sabido que eles criaram, por razões pragmáticas e não necessariamente sãs, refeições e alimentos para serem ingeridos com pressa e rapidez. Substituíram refeições em família por sanduíches prontos, servidos nos McDonalds >>>




Foto: Arquivo

>>> ou restaurantes do gênero. Come-se em pé ou mal sentado. Mais exatamente, deglutem-se farináceos com embutidos de todo tipo.

Cabe alertar-nos para a disseminação desses costumes prejudiciais à saúde. Estão em jogo interesses de grandes cadeias de restaurantes e um modo de vida em função do trabalho, sem valorizar as refeições tradicionais. Além disso, vestem-se com rituais coloridos que cativam os olhos jovens.

Não só entra em questão a qualidade dos alimentos ingeridos como também a maneira como se programam as refeições. Precisamos repensar esses novos costumes alimentares e criticá-los à luz de nossas tradições nativas. Cada estado do Brasil tem uma cozinha peculiar, excelente e de muita variedade. É lastimável que se percam essas riquezas por conta de um novo modo de alimentação importado dos EUA.

Tem acontecido uma mudança de hábitos à custa da perda de excelentes costumes da cultura brasileira. Não raro, empresas alimentícias financiam pesquisas, cujos resultados dificilmente são controlados e lançam no mercado midiático *slogans* (frases chamativas) a respeito de certos alimentos. E a impossibilidade de testá-los induz a muitos a modificarem, quem sabe, uma sadia alimentação por novidades estranhas perniciosas.

Duas lições: **consciência** de nossa própria cultura alimentar no interior de tradições antigas e **senso crítico** diante de propagandas rápidas e superficiais de alimentos preparados no bojo dos interesses econômicos, onde a cultura e a saúde, como tais, não encontram o lugar privilegiado merecido. 

J. B. Libânio é professor e diretor da Fac. de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

O tempo passa.

Antônio M. Galvão

O tempo passa e a gente sente saudade do que passou com ele. A verdade é que hoje as coisas são diferentes, mais frias e pragmáticas. Há dias escutei uma adolescente dizer que gostaria de ter vivido em outra época, em que as pessoas eram mais românticas e solidárias. Até pode. Esta reflexão é para todos nós, hoje cinquentões ou sessentões, que tivemos a ventura de nascer e adolecer entre 1940 e 1960. Respirei esse tema na Internet, e dedico aos meus leitores, especialmente aos remanescentes da "idade de ouro", onde, no dizer dos mais velhos, a escola era "risonha e franca".

Olhando para trás, é duro acreditar que estejamos vivos até hoje. Se não, vejamos: Viajávamos em carros sem cintos de segurança ou *air bag*; nunca tivemos nenhuma tampa à prova de crianças em vidros de remédios e andávamos de bicicleta sem capacete; pedíamos carona; bebíamos água direto da mangueira e nos riachos, e não da garrafa ou em copos descartáveis; quantas vezes, recordo, nadando no rio Guaíba, em Porto Alegre, bebi água direto do rio... imaginem!

Travessuras perigosas

Lembro de que gastávamos horas

construindo nossos carrinhos de rolimã para descer a ladeira da Espírito Santo abaixo, e só então descobríamos que tínhamos esquecido dos freios — depois de colidir com algumas árvores, aprendemos a resolver o problema; a gente saía de casa pela manhã e brincava o dia inteiro, só voltando quando se acendiam as luzes da rua — ninguém podia nos localizar — não havia telefone celular. A mamãe nunca teve chique ou suspeitas de seqüestro... Quebramos ossos e dentes e não havia nenhuma lei para punir os culpados. Eram acidentes, dos quais éramos os culpados; tivemos brigas e esmurramos uns aos outros e aprendemos a superar isto; amizade continuava a mesma.

Protegidos sim! Paparicados não!

Meu pai nunca foi “tomar satisfações” por um olho roxo, ou reprovação em Matemática no Colégio das Dores. Na rua, comemos doces e bebemos refrigerantes, mas não éramos obesos. Pelo menos naquela época... Estávamos sempre ao ar livre, correndo e brincando. Compartilhamos garrafas de refrigerante, e ninguém morreu por causa disso. Comemos quindins e cocadas, bebemos “marafo” dos feitiços e “despachos” das esquinas e não fomos atingidos por nenhuma maldição.

Sem tecnologias

Minha geração não teve *playstations*, videogames, tevê a cabo, filmes em vídeo, calculadoras, celular, computadores ou Internet. Nós tivemos mais do que isto: tivemos amigos. Saíamos e os encontrávamos. Íamos de bicicleta ou caminhávamos até a casa deles e batíamos à porta. Imagine tal coisa! Sem pedir permissão aos pais... por nós mesmos! Lá fora, no mundo cruel! Sem nenhum responsável. Em cada esquina improvisávamos um campo de futebol; os prédios não tinham porteiros eletrônicos nem vigilância.

Olhando prá trás...

Como fizemos isso? Brincamos e inventamos jogos com varas e bolas improvisadas, apanhamos do chão e comemos frutas caídas e, embora nos tenham dito que aconteceria, nunca tivemos dor-de-barriga para sempre, ou uma contaminação fatal! Nos jogos da escola, nem todo o mundo fazia parte do time. Os que não fizeram, tiveram que aprender a lidar com a frustração. E ninguém precisou de analista; alguns estudantes não eram tão inteligentes quanto os outros. Eles repetiam o ano. Que horror! Não inventavam testes extras nem aprovação automática. Éramos responsáveis

por nossas ações e arcávamos com as conseqüências. E não tínhamos “professor particular”. Não havia ninguém que pudesse resolver por nós.

Papai “quebra-galho”

A idéia de um pai nos protegendo se desrespeitássemos alguma lei, era inadmissível! Nossos pais protegiam mais as leis do que a nós! Imagine! Honravam mais os professores que nossas faltas. Nossa geração produziu alguns dos melhores enfrentadores de risco, negociadores de soluções, criadores e inventores! Gente capaz de pegar o touro à unha. As crianças hoje — uma boa parcela delas — não são crianças, mas “anões intelectuais”, pigmeus inchados de tecnologia e vazios de humanismo. Superprotegidos e indefesos. Isto vai gerar seres de muita cabeça e pouco coração. Como *tempus*



Fotos: Arquivo

fugit, (o tempo voa) é melhor mudar hoje. Os últimos 50 anos foram uma explosão descomunal de inovações, novas idéias e mudança de comportamento. Foi o esplendor da criatividade humana. Foi a verdadeira “renascença” da humanidade! Tivemos liberdade, fracasso, sucesso e responsabilidade, e aprendemos a lidar com tudo isso... a viver, enfim! Se você é um deles, parabéns!

Antônio Mesquita Galvão, teólogo leigo, doutorando em Teologia Moral. kerygma.ag@terra.com.br

“Meu espírito é para todo o mundo”

Santo Antonio Maria Claret

Missionários Claretianos

A serviço da Palavra

Venha nos conhecer

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Av. Francisco José C. de Andrade, 535
Jd. Chapadão - CEP 13070-950 - Campinas - SP
Tel.: (19) 3242-2258 - (19) 9604-2745 (Pe. Maurício)
email: pemaucio@mpc.com.br
Procuradoria Missionária - (19) 9601-8046 (Pe. Írio)

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Rua Bueno Brandão, 495 - Caixa Postal: 115
CEP 37550-000 - Pouso Alegre - MG
Tel.: (35) 3421-1108
email: curiabc@uai.com.br

CENTRO “Pe. JAIME CLOTET”

Rua Pinheiro Machado, 245
La Salle - Caixa Postal: 412
CEP 85501-970 - Pato Branco - PR
Tel.: (46) 224-4129
email: luisfavoretto@bol.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA

Rua Manoel Moura, 46 - Trápiche da Barra
CEP 57011-100 - Maceió - AL
email: berinhocmf@zipmail.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA

Rua Bahia, 984 - Centro
Caixa Postal: 41 - CEP 78630-000
Caminópolis - MT
Tel.: (66) 437-1106

PARÓQUIA N. SRA. DE ABADIA

Pça. Laurentino M. Rodrigues, s/n
Caixa Postal: 23 - CEP 76380-000
Goianésia - GO - Tel.: (62) 353-1402

www.claretianos.com.br/pjv

O que Deus vomita de sua boca

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Nos últimos dias, talvez poucas palavras tenham ocupado tanto o noticiário dos jornais e a mídia em geral, em nosso país, quanto "corrupção". Postos a nu e denunciados por diferentes instâncias, multiplicam-se os casos em que se reconhecem a corrupção e os corruptos, destruindo com sua perversa ação o Brasil que sonhamos e que esperamos.

O dicionário *Aurélio* define corrupção como *ato ou efeito de corromper; decomposição, putrefação*. Por sua vez, o verbo corromper tem o sentido de *tornar podre; estragar, decompor*. O adjetivo corruptor significa *aquele que corrompe*, e também que *altera textos, falsifica, suborna*.

Coerentemente com essas definições, diríamos que a corrupção denota decadência ou perversão; golpeia na raiz de uma coisa, tirando-lhe o estatuto de vida. Aquela pessoa ou coisa apodrece, ou se deteriora na sua raiz mais profunda. Não tem mais as reações ou o comportamento que dela se esperava, segundo o seu estatuto de pessoa ou coisa. Passa a não ser, quando na verdade, já tinha passado pelo ser.

Nas Escrituras judaico-cristãs, este



Foto: Eduardo Russo

A corrupção nos reveste com o morno líquido do engano e da podridão. E aos mornos, dirá o Apocalipse (3,16), Deus vomita de sua boca. A corrupção primeira é afastar-se do verdadeiro Deus e adorar um ídolo fabricado por mãos humanas, que corrompe o desejo e a vocação do ser humano, distanciando-o daquilo para o que foi feito: o culto ao verdadeiro Deus e a prática de sua aliança de justiça e amor, para corromper-se, cultuando o que é oco, vazio, podre, fonte de deterioração e morte, e não de vida.

fenômeno aparece desde o livro do Gênesis que, no capítulo 6, narra o desgosto de Deus com sua criação e com a terra por ele instaurada como morada do ser humano justamente por causa da corrupção em que esta caiu. E os textos vão suceder-se, tratando do tema em relação a Deus e ao outro.

A corrupção primeira é afastar-se do verdadeiro Deus e adorar um ídolo fabricado por mãos humanas, que corrompe o desejo e a vocação do ser humano, distanciando-o daquilo para o que foi feito: o culto ao verdadeiro Deus e a prática de sua aliança de justiça e amor, para corromper-se, cultuando o que é oco, vazio, podre, fonte de deterioração e morte, e não de vida.

A essa corrupção, segue-se outra, que vai de par com a primeira: a da relação com o outro, com o próximo. A injustiça, que faz com a idolatria perverso binômio, será implacavelmente denunciada pelos profetas que deixarão claro diante do povo para onde estão deixando conduzir suas vidas: para longe da verdade, da luz, da transparência e do amor.

Aparece claro, portanto, na fala dos profetas e dos homens de Deus que, apesar da corrupção do povo, Deus não se corrompe nem castiga o povo na medida de suas faltas e na proporção da destruição que seus atos engendram. E mesmo que o povo se afaste pela idolatria e pela injustiça, ainda que o coração do Senhor se encolerize, o amor acaba prevalecendo e o desejo de vida também. A corrupção, portanto, corrompe tudo e todos, menos a Deus. Jamais tem poder sobre ele.

O homem bíblico do Primeiro Testamento compreenderá, portanto, que só em Deus, o único incorruptível, pode depositar sua esperança de que a corrupção não destruirá sua vida, sua carne não apodrecerá entregue à decomposição e aos vermes, mas que está destinado a uma vida que não termina.

No Novo Testamento, a corrupção aparece quase sempre relativa à morte e

ao processo de decomposição do cadáver. Ressalta, assim, a grande boa nova trazida por Deus que, através da ressurreição de seu Filho Jesus, resgata-o do poder da morte e da corrupção. A fé cristã, desde o início, afirmou que a morte não foi o fim de tudo para Jesus, pois Deus Pai não permitiu que ela o retivesse em seu poder. O poder de Deus foi mais forte que a corrupção humana, que matou Jesus, e do que o lento e devorador trabalho da corrupção cadavérica sobre seu corpo. Aquele corpo e aquela vida não se destinaram aos vermes e à decomposição. Foram ressuscitados, gloriosos, e agora estão sentados à direita de Deus, a tudo

Deus não se corrompe nem castiga o povo na medida de suas faltas e na proporção da destruição que seus atos engendram. E mesmo que o povo se afaste pela idolatria e pela injustiça, ainda que o coração do Senhor se encolerize, o amor acaba prevalecendo e o desejo de vida também. A corrupção, portanto, corrompe tudo e todos, menos a Deus.

julgando e sendo o único e fundamental paradigma de uma vida humana incorrupta e verdadeira.

A corrupção e o pecado, que tristemente presenciamos em nosso cotidiano de cidadãos, está presente desde que o mundo é mundo. Deus criou-nos em liberdade, deixando-nos escolher nosso caminho e traçar nosso destino. Como seres livres que somos, nem sempre conseguimos fazer o bem que queremos, mas muitas, inumeráveis vezes, praticamos o mal que não queremos. Corrompemo-nos e caímos na podridão e na destruição do não-ser em oposição ao ser que Deus deseja que sejamos e para o qual nos criou com todo o amor de seu coração de Pai.

A corrupção nos reveste com o

morno líquido do engano e da podridão. E aos mornos, dirá o *Apocalipse* (3, 16), Deus vomita de sua boca. Que não construamos uma nação que mereça ser expelida da boca do Criador, fonte de

toda vida. Este deve ser nosso constante alerta hoje, aqui e agora.

Maria Clara Lucchetti Bingemer, teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. www.users.rdc.puc-rio.br/agape

Pergunta do leitor à autora

• **Antônio Olímpio**, Juiz de Fora, MG <olimpio@acessa.com>

Lendo o artigo "PENTECOSTES: A COMUNICAÇÃO UNIVERSAL", reacendeu em mim uma curiosidade que gostaria de ver esclarecida (artigo publicado na revista Ave Maria de maio).

Como diz o primeiro parágrafo do artigo, os apóstolos apareceram em praça pública, onde existiam pessoas de várias línguas. Eles começaram a pregar em sua própria língua e os estrangeiros os entendiam perfeitamente. Aqui está a minha curiosidade:

POR QUE OS CARISMÁTICOS INSISTEM EM FAZER UM BARULHO ESQUISITO AO REZAR, DIZENDO QUE ESTÃO FALANDO EM LÍNGUAS, QUANDO NA VERDADE ESTÃO FALANDO SÓ PARA BRASILEIROS?

A ação do Espírito Santo não estaria no fato de se falar a sua própria língua (PORTUGUÊS) e todos entenderem em seus idiomas?

• **Maria Clara Bingemer responde:**

Caro Antônio,

obrigada pela questão que me coloca. Na verdade, o texto de Pentecostes se contrapõe a uma outra imagem do Antigo Testamento. A da Torre de Babel. Assim como, naquela, as línguas humanas se confundiam e ninguém se entendia, aqui os apóstolos falam e são entendidos por cada um na sua própria língua. Isso me remete à sua questão sobre os carismáticos, que eu responderia remetendo você a 1Coríntios 12 a 14. Nestes capítulos, Paulo fala sobre os dons do Espírito e da importância excessiva que está tomando na comunidade de Corinto o dom de línguas. Reconhecendo sua importância, o apóstolo observa, porém, que o mais importante são os dons que ajudam a comunidade a crescer, ou seja, que são inteligíveis e produzem a comunicação e o entendimento entre as pessoas. O dom das línguas tem sua importância, mas na hierarquia dos dons do Espírito Santo não é o mais importante. O da profecia o precede de longe, assim como outros. Os sons emitidos pela oração carismática não estão ligados a nenhum idioma específico, mas são transbordamento da experiência espiritual que a pessoa está tendo. Como se trata de um dom extraordinário, que foge ao sentido comum, deve ser bem discernido pela comunidade para saber se é verdadeiro. Enquanto isso, os profetas suscitados pelo Espírito para falar ao povo de Deus no Brasil continuam falando em Português, castiço ou popular. Lamentavelmente nem sempre são ouvidos ou entendidos.

Espero ter ajudado em sua dúvida. Um abraço.

Podre poder

Frei Betto

O deputado Roberto Jefferson prestou valiosa contribuição à história do país: provocou a reforma política. Eis mais uma prova de que governo é que nem feijão, só funciona na panela de pressão. Na falta de um projeto estratégico para o Brasil, navega-se aos sabor dos ventos da conjuntura. Quem fará a reforma? O Congresso nacional? O projeto virá dos arquitetos do Executivo, mas a execução exigirá que os parlamentares tomem em mãos pás, picaretas, maçaricos e outras ferramentas para renovar o sistema político brasileiro. Teremos uma verdadeira reforma ou mero cambalacho?

Encerrada a Constituinte, os repórteres indagaram do senador Marco Maciel quem vencera, a esquerda ou a direita? "Venceu a sociedade organizada", respondeu. Agora, coloca-se a mesma questão. Se a sociedade deixar a reforma por conta dos que serão atingidos por ela é possível que tudo termine em "pizza", com o deputado Roberto Jefferson, ao fundo, cantando uma ária de Scarlatti.

"O poder é afrodisíaco?", indagou, certa vez, o repórter Ricardo Gontijo ao general Geisel, quando este ocupava a presidência da República. O carro partiu

sem que houvesse resposta. Mas seu sucessor (*general João B. Figueiredo*) não temeu reconhecer que "o demônio que assedia o poder é pródigo em tentações". Lord Acton (1834-1902) foi mais incisivo. Declarou que "todo poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente".

É injusto qualificar de corruptos todos que dispõem de uma parcela de poder. Mas não há dúvida de que o poder transtorna, em qualquer escala: síndicos, chefes, gerentes, diretores, dirigentes sindicais, deputados ou bispos. São Paulo diria que ele atija a concupiscência. Torna a pessoa apegada aos prazeres e às facilidades oferecidas a quem ocupa posição de destaque. Atrai homenagens, salamaleques, elogios e aplausos. A vaidade, cega mas não surda, nem percebe o quanto há de falsidade e oportunismo em tudo isso.

Para muitos, o poder é a suprema ambição. É a perversa maneira de se comparar a Deus. Vide os políticos que gastam somas milionárias em campanhas eleitorais e, mesmo derrotados, voltam à cena, como se a sede de poder fosse proporcional à fortuna que dilapidam. Há homens que, fora do poder, sentem-se terrivelmente humilhados, expulsos do Olimpo dos deuses. Como é difícil voltar ao que se era! Vargas preferiu meter uma bala no coração a ver-se destituído de poder.

Malgrado as intenções, a vida se tece em ações. E a cabeça pensa onde os pés pisam. Pouco valem as intenções de quem jura que, "chegando lá não serei como os outros". Será sim, salvo honro-



Arquivo: CN

Lord Acton (1834-1902) declarou que "todo poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente". É injusto qualificar de corruptos todos que dispõem de uma parcela de poder. Mas não há dúvida de que o poder transtorna, em qualquer escala: síndicos, chefes, gerentes, diretores, dirigentes sindicais, deputados ou bispos.

sas exceções. Pois o poder atrai dinheiro e opera na pessoa uma mudança de lugar social e cultural. Ela se vê cercada de bajuladores, recebe convites para privar da companhia dos detentores de grandes fortunas, ganha presentes e, sobretudo, passa a dispor de uma infraestrutura que a reveste de uma aura especial. Troca de guarda-roupa, de casa, de amigos e de mulher. Aos olhos do comum dos mortais, aquele senhor

possui as chaves da felicidade alheia. Tem o poder de aprovar projetos, liberar verbas, autorizar obras, permitir viagens, distribuir cargos, promover pessoas, conceder bolsas, e transformar seus gestos em fatos políticos.

O poder reduz a distância entre o desejável e o possível. Quanto maior o poder, menor essa distância. Um governador ou um ministro pode, no mesmo dia, graças à função que ocupa — e às custas do contribuinte — almoçar em Brasília, jantar em São Paulo e dormir no Rio, convencido de que suas conversas e conchavos direcionam o rumo da história...

Quem se apega ao poder não suporta crítica, que mina sua auto-imagem e exhibe suas contradições aos olhos de outrem. Daí, porque se isola, fecha-se num círculo hermético no qual só têm acesso os que cumprem suas ordens, dizem amém às suas idéias ou, ainda que críticos, se calam coniventes, pois tendo também suas ambições não querem ser rifados por quem possui mais poder que eles. Assim, cria-se uma cumplicidade tática. Temem apenas que certa imprensa saiba o que fazem. No entanto, agem como se copeiros, garçons, motoristas, seguranças e empregados não tivessem olhos, cabeças, ouvidos, bocas, parentes, vizinhos e amigos...

Tudo se agrava, porém, quando o poder institucional vincula-se ao poder marginal, e deputados, senadores, governadores e ministros locupletam-se com bicheiros, traficantes e torturadores, sonegadores, doleiros e corruptos, fiéis ao adágio de que "é dando que se recebe". Então, as duas últimas letras trocam de lugar: o **poder** fica **podre**.

Tomara que a reforma política corte esse mal pela raiz.



Frei Betto é escritor, autor de "Típicos Tipos – perfis literários" (A Girafa), entre outros livros.

De mãos vazias

Carmen Sílvia M. Galvão

Quem se eleva será humilhado e quem se humilha, será elevado (Lucas 18, 14).

A humildade, a pureza de coração, a disponibilidade ao chamado de Deus e a solidariedade ao irmão que sofre tem um peso muito grande na forma do Pai enxergar os valores de nossa vida. O ser humano deste século XXI julga que ter mais, possuir mais, gozar melhor a vida, são as melhores formas de atingir a felicidade. A lição de Jesus inverte toda essa ótica, afinal, os últimos serão os primeiros.



Foto: Arquivo

manos, e não para o Templo, exploravam a todos, cobrando os impostos "de acordo com a cara do freguês".

Julgamentos diferentes

Jesus nos confunde ao afirmar: *Eu vos digo que o publicano voltou para casa justificado, mas o outro não.* Quem se comportou bem é condenado e o pecador é declarado justo. Pode, uma coisa dessas? Qual foi a falha do fariseu? Vai ao templo, carregando suas boas obras, na certeza de que estas lhe possam merecer a justificação. Não entende como tantas obras boas não possam lhe conferir nenhum direito à salvação.

É aí que entra a pedagogia de Jesus. Quem faz o bem não merece absolutamente nada. Repete-se a história dos "servos inúteis". Deve só agradecer a >>>>

>>>> Deus que o conduziu por esse caminho. O fariseu não deve renunciar à sua vida virtuosa, mas à falsa idéia que ele tem de Deus, como se fosse um mero distribuidor de prêmios, e que ele, por estar no caminho do bem, é um *kadosh* (santo), superior aos pecadores. Deus julga melhor aos que reconhecem sua vulnerabilidade.

Assumindo nosso pecado

Dessa idéia deformada de Deus, derivam todos os demais desajustes, como desprezar os outros e criar uma barreira, quase intransponível, capaz de separar os pecadores do Reino de Deus. O publicano, em contrapartida, embora não seja um modelo de virtudes, é a imagem da única atitude certa que o ser humano deve assumir diante de Deus. Aquele que tem coração de pobre sabe que é pecador e oferece a Deus seu coração destroçado pelo pecado, pedindo forças para o arrependimento.

O mérito vem com a simplicidade de coração

Ninguém é grande diante de Deus, nem possui méritos diferenciais com relação aos outros. Deus não olha riquezas, beleza física, cultura, escolaridade. Ele olha o coração. Quem pensa ter, é devedor de mais. Quem quiser ser exaltado, que se apresente de mãos vazias. Quem tiver mãos cheias de valores e virtudes humanas, será despedido sem nada. Em nossas mãos, na atitude de oferta, basta apresentar nossas misérias, nosso pecado e um forte desejo de conversão. Os pequenos tornam-se favorecidos. Neles, o Senhor opera maravilhas.



Carmen Sílvia Machado Galvão é teóloga leiga, escritora e socióloga - csmgal@terra.com.br

Bento XVI e

Luís Corrêa Lima

A eleição do novo papa gerou tristeza e preocupação em alguns segmentos da sociedade e da Igreja. O homem que foi o esteio doutrinal de João Paulo II é rotulado por alguns críticos mordazes como "o rottweiler de Deus", um cão feroz da religião. Um dos focos da polêmica é a oposição às relações homossexuais e ao casamento gay. Segundo o *Catecismo da Igreja Católica*, lançado em 1992, tais relações são intrinsecamente desordenadas, contrárias à lei natural e em nenhum caso podem ser aprovadas.

Em resposta, vários homossexuais têm acusado a Igreja de minar a sua autoestima, impondo um enorme sofrimento psíquico a milhões deles, além de estimular o ódio social contra os homossexuais. Só no Brasil, argumentam, um deles é assassinado a cada dois dias por pessoas homofóbicas (rejeitam os homossexuais). Um saldo bastante lamentável.

Será que isto é o mais relevante a respeito do novo papa e da questão homossexual? Uma árvore pode esconder uma floresta. Basta que ela esteja perto de uma janela, tapando a paisagem. O observador deve ir além para conhecer a floresta escondida, sem medo de um suposto rottweiler.

De um modo geral, os últimos papas têm seguido a moral sexual dos seus antecessores. Certos pontos, no entanto, merecem uma atenção especial. O *Catecismo* diz que "um número não negligenciável de homens e mulheres apresenta tendências homossexuais inatas. Não são eles que escolhem sua condição homossexual" (nº 2.358). Há algo novo aqui. Isto significa admitir que algumas pessoas são estruturalmente homossexuais e que carregam esta condição por toda a vida. Não se trata, portanto, de algo que possa ser revertido ou "curado", como se fosse uma doença. Convém lembrar que, até 1991, a Organização Mundial de Saúde classificava a homossexualidade como doença.

Os homossexuais, prossegue o *Catecismo*, "devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para



os homossexuais

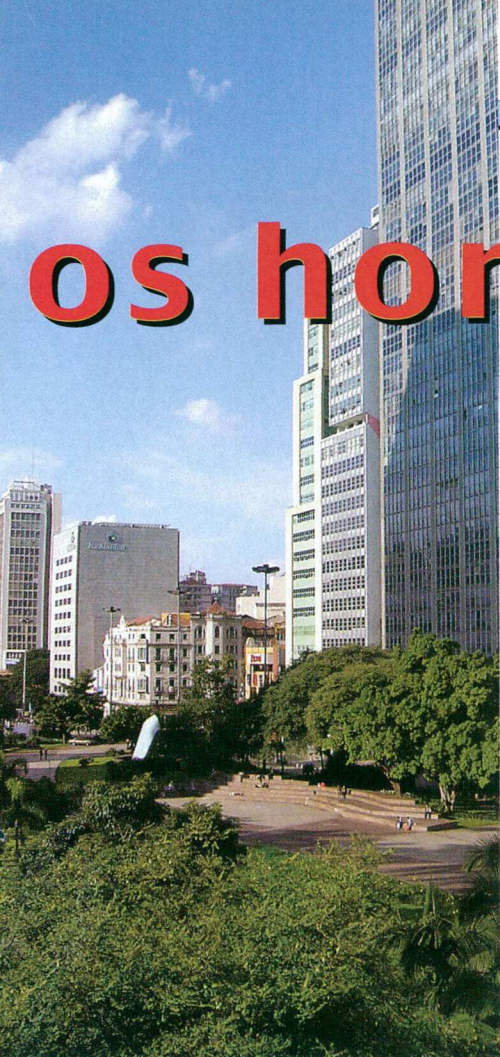


Foto: Avelino S. de Godoy

Os homossexuais, "devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta". A homofobia é condenada. Ninguém tem o direito de agredi-los, xingá-los ou equipará-los a criminosos. A postura da Igreja é rica e complexa, como a floresta escondida pela árvore. Algumas de suas posições, se forem vistas fora do contexto e repetidas com insistência, favorecem a intolerância.

com eles todo sinal de discriminação injusta". A homofobia é condenada. Ninguém tem o direito de agredi-los, xingá-los ou equipará-los a criminosos. E muito menos de fazê-lo em nome da Igreja. Houve um tempo, sim, em que a Inquisição prendeu e condenou os que praticavam a homossexualidade. A chamada 'sodomia' era combatida com o mesmo rigor que a heresia. Naquela época, a lei considerava ambas as práticas criminosas. Recentemente, a Igreja pediu perdão a Deus pelos pecados de seus filhos, pelas vezes em que se agiu com violência e intolerância em nome da fé. Assim se abre caminho para um futuro novo, que não quer mais repetir aquele passado.

Nos anos 60, o teólogo Joseph Ratzinger atuou intensamente no Concílio Vaticano II. Naquele Concílio, a Igreja reconheceu a liberdade de consciência — o direito de a pessoa agir segundo a norma reta de sua consciência — bem como a legítima autonomia das ciências e das realidades temporais.

Há eventos na história que apontam mudanças na sociedade e nas mentalidades. Estas mudanças se dão em um processo de maior duração, com avanços e recuos. Os tempos modernos viram o abandono do universo geocêntrico. Aceitar que a Terra se mova no espaço é mudar de paradigma. Textos bíblicos afirmando que "a Terra está firme e inabalável" foram usados para refutar o movimento do planeta. Pouco a pouco, eles foram reinterpretados à luz da nova realidade que se impôs. Isto não se deu sem dolorosos conflitos. Algo

semelhante acontece em outro âmbito.

O conceito de homossexualidade surgiu há menos de 150 anos. Ele é um instrumento teórico novo para se refletir sobre uma realidade que já existia. A humanidade pode ser pensada como não sendo universalmente heterossexual, ao contrário do que sempre se imaginou. É uma mudança de paradigma antropológico. Isto traz conseqüências para a sociedade, a ciência e a religião. Talvez ainda leve muito tempo para que se dê conta das transformações em curso.

A postura da Igreja é rica e complexa, como a floresta escondida pela árvore. Algumas de suas posições, se forem descontextualizadas e repetidas com insistência, favorecem a intolerância. Outras posições, no entanto, favorecem a tolerância e o diálogo construtivo. A imagem da Igreja e dos papas depende do que se retiver de seus gestos e palavras. Algumas coisas importantes podem cair no vazio e no esquecimento. Há portas que foram abertas. Aos que só virem um *rottweiler*, será inútil. Depende dos interessados trilhar o caminho que conduz ao respeito, à compaixão e à delicadeza.

Versão revista e ampliada de artigo publicado em *O Globo*, 30/4/2005, p.7, Rio de Janeiro.

Padre Luís Corrêa Lima é jesuíta, historiador e professor da PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

Religião* entre os GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros)				
	Total	Gays	Lésbicas	Bissexuais
Católica	36%	38%	39%	26%
Espírita Kardecista, espiritualista	19%	19%	22%	21%
Nenhuma	18%	19%	13%	19%
Evangélica Pentecostal	4%	4%	4%	4%
Evangélica não Pentecostal	3%	2%	0%	6%
Umbanda	3%	4%	4%	0%
Candomblé ou religiões afro-brasileiras	3%	4%	2%	2%
Judaica	1%	0%	2%	2%
Outras	9%	7%	7%	15%
Ateísmo/não acredita em Deus	5%	4%	7%	8%

*Devido ao arredondamento dos valores parciais, a soma pode não corresponder a 100%

Fonte: Folha de S. Paulo, 19.6.2005, p. 5.

Novos Rumos



Uma comunidade de pessoas que vivem em situação de rua

“Novos Rumos” é uma associação que acolhe pessoas em situação de rua. Essa pessoas com ajuda de profissionais, lutam para voltar com dignidade ao trabalho e à sociedade. O processo de resgate da auto-estima da cidadania, se desenvolve em clima de convivência comunitária e solidária.

O projeto “Novos rumos” nasceu da consciência e do desejo de se fazer alguma coisa diante da miséria em que vivem, moradores de rua, de todas as idades que, por razões diversas, ali foram parar.

No Bairro de Santa Cecília, em São Paulo, capital, irmã Marina da Congregação religiosa de São José de Chambery deu início, em 1999, a um trabalho de assistência aos pobres, moradores de rua, em uma pequena casa à Rua Barão de Tatuí.

No ano seguinte, irmã Marta

Alexandre (falecida em 2002) assumiu a direção do trabalho com o grupo de voluntários, já existente, das paróquias de Santa Cecília (no Largo do mesmo nome) e do Imaculado Coração de Maria, (à Rua Jaguaribe). Logo em seguida passaram para uma casa maior (um sobrado de três andares) situado à Rua Canuto do Val, 170.

Atualmente, a partir da morte da irmã Marta, assumiu a coordenação a irmã Maria Madalena, que vinha acompanhando ativamente os trabalhos da irmã.



Fachada do prédio de três andares, onde todos os dias se reúne a comunidade permanente de moradores de rua. Duas vezes por semana, é oferecido café-da-manhã para aqueles que lá acorrem, entre 80 a 100 pessoas, independente de pertencerem ou não a comunidade. Os próprios integrantes, coordenadores e voluntários da comunidade auxiliam na organização e distribuição daquela refeição matinal.

Fotos: Avelino S. de Godoy



Quem faz parte da comunidade?

Pessoas em situação de rua formam juntos com a equipe coordenadora a comunidade ecumênica. É um caminho para reintegrar-se na sociedade. Eles procedem de todos os bairros da grande São Paulo, do interior e de outros Estados e até de outros países.

O que justifica o projeto

Quando se fala de população em situação de rua, ninguém duvida de que esse segmento social indica uma situação de extrema pobreza, que atingiu as várias categorias de trabalhadores que vêm sofrendo um processo crescente de empobrecimento o que concorre para uma expansão significativa do contingente social que vive em situação de miséria.

Devido aos problemas enfrentados pela sociedade (desemprego, falta de moradia, etc.), o número dos usuários desta casa cresce cada vez mais. Muitos estão envolvidos com drogas e o álcool. A Associação busca acolhê-los, dando apoio, visando reintegrá-los a partir de uma convivência digna com a sociedade.

Membros da comunidade "Novos Rumos" participando do curso de Noções de Saúde e Primeiros Socorros, ministrado pela professora Luzia Nahoyo Oka Hoiuchi (de pé ao centro) e auxiliada por alunos (sentados) do Curso de Enfermagem da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Como funciona

Às segundas e quintas-feiras é oferecido café da manhã a cerca de cem moradores em situação de rua. É o momento de maior concentração, mas como é compreensível, seu comparecimento é variável. Mas, em continuidade com esse atendimento assistencial, existe também um segundo projeto mais incluído:

A comunidade

Vivendo em comunidade, os participantes, dividem tarefas dentro da casa, tais como atender a portaria, fazer limpeza, etc. Cada um pode tomar seu banho, lavar suas próprias roupas, secá-las e passá-las como se estivessem em seu próprio lar. Na procura de emprego, pode dar o endereço da comunidade

como referência. É um trabalho planejado em que a equipe coordenadora, com experiência acumulada por vários anos, organiza palestras de formação, trabalho coletivo e sentido do respeito ao outro. Os resultados já começam a aparecer com crescimento de responsabilidades, consciência de grupo dos que vivem nessa situação, da amizade e do companheirismo, do espírito de solidariedade e participação. Muitos deles fazem um processo de resgatar a auto-estima, recuperando assim a auto-confiança e assumindo novamente o protagonismo de suas histórias com nova esperança. Vários deles já conseguiram emprego, como porteiro, zelador, torneiro mecânico, conforme a habilidade profissional de cada um. Uns poucos ainda não aderiram à idéia de cooperativismo e voltaram para as ruas.

Objetivos da associação

- Atender às necessidades básicas de alimentação, higiene pessoal, de espaço físico e segurança através do fornecimento de refeições, banho, lavagem e secagem de roupa, de local para guarda-volumes, documentos pessoais e encaminhamentos.
- Orientar sobre saúde e qualidade de vida.
- Contribuir com a formação humana através de palestras, vídeo-filmes e orientação pessoal e psicológica.
- Estimular o processo de reconquistar a auto-estima e a reintegração na sociedade.
- Incentivar o retorno ao convívio familiar.
- Estimular o trabalho e o desenvolvimento psicomotor através de atividades criativas como artesanato e outras.
- Encaminhar para cursos a fim de completar os estudos e formação profissional.
- Incentivar o gosto pela leitura e formação (biblioteca).
- Possibilitar o aprendizado e acesso à informática.
- Proporcionar ao usuário a oportunidade de identificar-se como sujeito da história através do conhecimento da atual realidade sócio-político-brasileira e mundial.





Quem colabora no trabalho

Uma equipe grande de voluntários participa do andamento dos trabalhos das mais variadas maneiras. Assim, há médicos, psicólogos, assistentes sociais, advogada, agrônomo,

professores, religiosas, administradores de empresa que doam parte de seu tempo, semanalmente, à comunidade. Outros ajudam na cozinha, orientam o artesanato, cortam cabelo... empresas enviam gratuitamente seus profissionais para ministrarem cursos aos que se interessarem.

Localização do Projeto

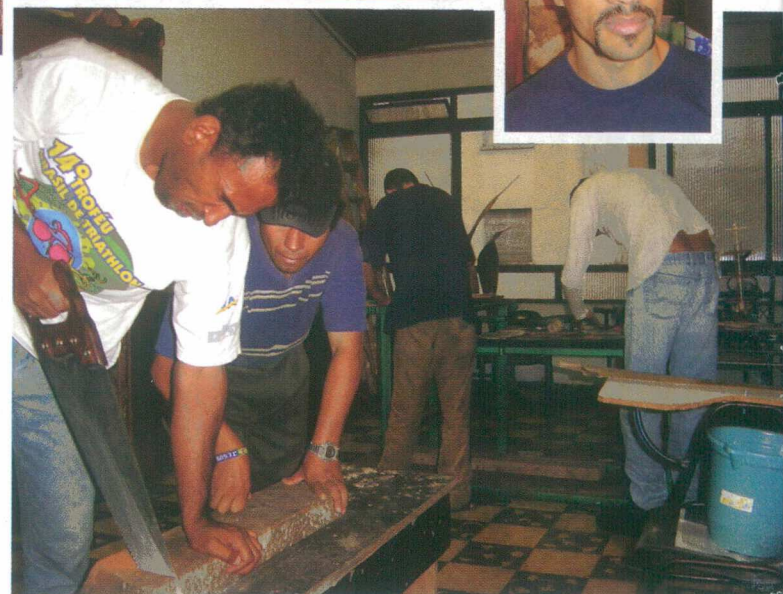
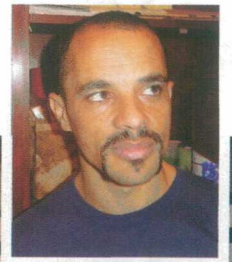
Geograficamente, a "Associação de Apoio à Promoção Humana Novos Rumos" está situada num prédio de três andares, cedido

pela Cúria Metropolitana da cidade de São Paulo, à Rua Canuto do Val, 170 Santa Cecília - São Paulo, SP - CEP 01224-040 - Fone: 3824-0736. 

• Foto acima, a partir da direita: Irmã Maria Madalena, presidente da Associação "Novos Rumos". Emanuel, um dos integrantes da comunidade apresentando um artesanato seu. Bernardino Foiato, vice-presidente do projeto "Novos Rumos".



• Foto ao lado: voluntárias separando doações para o bazar que acontece de dois em dois meses nas dependências da casa "Novos Rumos".



<<< Oficina de informática para os participantes da comunidade "Novos Rumos", orientados pela professora Regina.

^^ Oficina de artesanato, onde cada membro da comunidade pode concretizar suas idéias através de obras de arte. São orientados pelo arte-educador Hernane Matias Aparecido.



Quem é Irmã Maria Madalena?

“**N**unca pensei em trabalhar em São Paulo, muito menos com moradores de rua. Por motivo de tratamento de saúde, tive que vir para cá. Durante aquele período, para me ocupar, fui ajudar a Irmã Marta. Sou da Congregação das Irmãs de Caridade da Santa Cruz. Comecei a trabalhar com moradores de rua e descobri um novo mundo para mim. Quanto mais eu me dedico a esse trabalho, tanto mais me sinto também irmã de meu irmão ou de minha irmã de rua.

Assim, nasceu esta idéia de viver em comunidade junto com eles para resgatar o que está para resgatar. A maior falha de nossa sociedade na situação de hoje é a falta de emprego. Como não estou em situação de dar emprego e não posso mudar isso, posso ao menos ser solidária, convivendo com eles, fazer comunhão com eles e resgatar valores humanos que talvez tenham perdido nestes anos em que estão vivendo nas ruas.

Posso, quem sabe, evitar que alguns que vieram do interior, de outros estados, fiquem na rua e se degradem. E aí, começam a conhecer drogas, a entrar na bebida e em muitas outras situações que não só destroem a vida espiritual, mas também lhes tiram valores humanos que são muito importante para todos, como amizade, convivência, confiança mútua, alegria de viver.

Deus se torna presente na nossa vida através de pessoas que vêm nos ajudar. Nem é preciso procurar, é o próprio Deus que as manda em nosso caminho. Sinto-me tão realizada nesta convivência com eles como nunca em todos os outros anos de minha vida.

Percebo que são pessoas capazes de se doar, que têm dons, não só inteligência para estudar e fazer coisas, mas pessoas em que descubro um mundo próprio, com as quais faço também a experiência de Deus.

Nesta comunidade vivemos de doações, fazemos trabalhos voluntários e sempre há pessoas que nos vêm doar alguma coisa. Vejo que todos somos irmãos. Irmãos em Cristo.

Somos uma comunidade ecumênica. Aqui temos membros de várias Igrejas, espíritas também. Há pessoas que se dizem atéias, mas, no fundo, não o são. Procuramos uma única coisa, perceber sempre mais o amor do mesmo Deus que temos em comum e que sabemos ser a única solução e sentido da vida.

Fui colocada neste caminho, que eu não procurei. Mas sinto-o como um presente de Deus para mim e, agora, eu sei que ele começa a se abrir. O que antes era meio confuso, sem saber por onde andar, agora está claro: caminhando é que o caminho se faz.”

Irmã Marta, falecida aos 28/11/2002, mas ainda viva nos corações dos membros da comunidade “Novos Rumos”.



Harlerey Lopes dos Santos (Leris) coordenadora do café da manhã da Associação “Novos Rumos”.

DEPOIMENTO

Estou desempregado e vivo pelas ruas da cidade de São Paulo. Já estive em outras entidades conveniadas ou não (do estado ou município), em nenhuma encontrei o incentivo real para a reabilitação à sociedade. Na Associação Novos Rumos, sou tratado com o devido respeito e estímulo para buscar melhoria pessoal e profissional.



Mário Santos Júnior

ESTATÍSTICA

Em São Paulo, existem 10 mil moradores de rua. A maior parte pernoita no centro da cidade, segundo Assessor da Procuradoria Geral de Justiça de São Paulo, Carlos Cardoso.

A Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo realizou no dia 19/6, na praça da Sé, manifestação em que cobrou das autoridades punição para os culpados pelas mortes de sete moradores de rua, em agosto do ano passado. Dez meses depois, o caso ainda não foi esclarecido.

O Censo realizado pelo IBGE no ano de 2000, não contabilizou as pessoas que vivem em situação de rua (Folha de S. Paulo, julho de 200).

Criaturas criativas: quem são, na verdade?

Francisco Gomes de Matos

Em palestras ou oficinas pedagógicas, centradas na Paz Comunicativa, costumo desafiar os participantes com a pergunta-título deste artigo. Logo ouço respostas como: “Nós, seres humanos...”. Imediatamente acrescento outras indagações, provocadoras: “Seremos, mesmo, criaturas criativas, verdadeiramente, num sentido mais profundo? Todos nós, ou quem, dentre nós?”. Talvez pelo inesperado da questão levantada, ou devido à falta de uma reflexão sobre a mesma, raramente recebo comentário assim: “São os pobres”.

Se pararmos para pensar, todos nós somos criaturas (graças ao Criador) cognitivas, comunicativas, comunitárias, culturais... e, acrescentariam psicólogos da área de Criatividade: criaturas criativas. Poderíamos contra-argumentar: “Em que sentido(s)? Até que ponto? Como? Onde? Quando? Por quê?” Se tomarmos a dimensão existencial, por exemplo, seremos todos nós, criaturas humanas, verdadeiramente criativos?

Para mim, criativos são as pessoas pobres, que criativamente experimentam condições de miséria extrema, pobreza absoluta. A propósito, calcula-se que 1,2 bilhão de pessoas — metade das quais com menos de 16 anos — assim sobrevivem. Na fraseologia atual das ciências que estudam a *pobreza*, costuma-se falar de aliviar, reduzir, erradicar essa condição desumanizadora. Visite-se a Internet e se perceberá que até a *Criatividade organizacional* está sendo ativada como instrumento para ajudar-se os pobres, mas voltamos à pergunta motivadora deste artigo. Como respondê-la de maneira sistemática? Uma possibilidade seria elaborar-se (em grupos, para partilhar-se

idéias, sentimentos, valores) uma lista exemplificativa. Com essa intenção, eis 15 possíveis respostas à pergunta “Como os pobres são criaturas criativas?” (veja o quadro ao lado).

Os leitores facilmente complementarão a listagem, adequando-a às suas realidades comunitárias. Como cristãos, deveríamos perguntar-nos “Os pobres estarão sendo beneficiados com a criatividade dos que têm o que comer, onde viver, trabalhar, estudar?” Estaremos nós, não-pobres, sabendo




Foto: Verbo Filmes

aplicar o *amor ao próximo* criativamente, em face dos que, na era da Internet, são até chamados de “info-pobres”?

A pobreza deveria ser provocadora de ações criativas, humanizadoras e, acima de tudo, transformadoras de uma sociedade injusta, com base nos ensinamentos de Cristo. Se verdadeiramente consideramos os pobres “bem-aventurados”, “abençoados”, precisamos pautar nossa vida por pensamentos como este, de Madre Teresa de Calcutá, referindo-se ao trabalho realizado por sua Congregação de Missionárias da Caridade: “Só no Céu saberemos qual nossa dívida aos pobres, por terem nos ajudado a amar melhor a Deus (*The New Penguin Dictio-*

Como os pobres são criaturas criativas?

1. Transformando não-alimentos em quase-alimentação.
2. Improvisando “tetos” sob os quais moram, em avenidas, ruas, pontes, viadutos.
3. Multiplicando um pão por dois ou três membros da família.
4. Desempenhando um papel (do tipo circense) em esquinas de ruas de centros urbanos, para ganhar moedas.
5. Selecionando restos aproveitáveis de comida ou objetos de uso pessoal em sacos de lixo das cidades.
6. Construindo casas com material descartável, sobre palafitas nos mangues e beiras de rios.
7. Oferecendo pequenos produtos a motoristas, através de bilhetes deixados em retrovisores.
8. Descansando em igrejas, para poder sentar-se em ambientes de paz, silêncio, livres do barulho externo.
9. Arriscando sua vida para conseguir um “trocadinho”, nas esquinas — caso de pobres com alguma incapacidade física.
10. Vendendo frutas e verduras em pontos estratégicos, para garantir o mínimo para a subsistência familiar.
11. Quase-lendo manchetes de jornais expostos em bancas.
12. Reduzindo três refeições a uma só, devido ao desemprego.
13. Prestando serviço em edifícios, nas metrópoles, sem carteira assinada.
14. Rezando, sem conhecer orações tradicionais (como Pai-Nosso, Ave-Maria), sustentando sua fé em Deus.
15. Engajando-se em movimentos, para que sua voz, suas reivindicações, seus direitos (econômicos, sociais, políticos, culturais) sejam respeitados, concretizados.

nary of Modern Quotations, 2000, p. 417). E você, leitor(a), concordaria com nossa opção de reservar o termo criatura (humana) criativa aos pobres? 

Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. fcgm@hotmail.com.br

A palavra é...

Elaborado por **Luís Erlin**

Nesta seção, o leitor encontrará a explicação de palavras empregadas nas celebrações litúrgicas. Se desejar, escreva-nos, solicitando o significado de algum outro termo.

Pergunta da leitora

• **Maria Augusta Carvalho**
São José do Calçado, ES.

Desejo-lhe paz e saúde para continuar anunciando com amor.

Gosto imensamente de sua página na Revista "Ave Maria" que dá subsídios para o cristão crescer no conhecimento e no amor a Cristo.

Hoje, gostaria que explicasse o sentido da palavra "paráclito". Conversando com alguém, foi dada uma explicação bem diferente da que eu conhecia, por isso eu queria melhor compreender esse termo. Que Deus o ilumine sempre!

Luís Erlin responde:

Maria Augusta, esse termo nós vimos na revista *Ave Maria* de maio de 2004, mas o aprofundaremos um pouco mais neste número.

A palavra "paráclito" é empregada apenas cinco vezes no Novo Testamento, de modo especial no Evangelho de São João, capítulos 14, 15 e 16, em que Jesus anuncia a vinda do Espírito Santo sobre a Igreja. Seria a revelação da força de Pentecostes: *Rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito; se eu não for, o Paráclito não virá a vós*. Esse termo é grego — *parakletos*, e signi-

Foto: Silvio Vinice Esgalha




Paráclito

fica: advogado. No Grego profano, segundo o *Dicionário Bíblico* da Paulus, a palavra indica "a pessoa chamada para ficar ao lado de alguém que necessita de assistência, sobretudo em processos legais — "contudo, não significa um advogado profissional (como no latim *advocatus*). Por isso, o sentido geral de paráclito é "ajudador". O Grego profano também emprega o termo como um adjetivo, isto é, alguém que fala em favor de outro, um intercessor" (*Dicionário Bíblico*, p. 692).

Para elucidar: quando alguém era

juizado pelo tribunal, a pessoa tinha o direito de ter alguém da comunidade que falava por ela, que pedia a absolvição da falta cometida.

Transcrevo o verbete da *Bíblia de Jerusalém*, quando trata desse tema, que pode ser ótimo material de pesquisa para quem quiser se aprofundar: *Após a partida de Cristo, é o espírito que o substitui junto dos fiéis. Ele é o 'Paráclito', advogado que intercede junto do Pai, ou que pleiteia diante dos tribunais humanos. Ele é o Espírito de verdade, que conduz à plenitude da verdade, fazendo compreender a personalidade misteriosa de Cristo: como Cristo cumpriu as Escrituras, qual o sentido de suas palavras, de seus atos, de seus 'sinais', tudo que os discípulos não haviam compreendido antes. Assim o Espírito dará testemunho de Cristo e confundirá a incredulidade do mundo. (Bíblia de Jerusalém, verbete de João 14,26).*

O Espírito Santo Paráclito que recebemos no batismo, está dentro de nós para nos ajudar, inspirar, defender, consolar. Os sete dons (*sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus*) não são privilégio concedido a poucos, mas graça para todos os fiéis, basta nos abirmos a ele. 

Luís Erlin é sacerdote missionário claretiano.
Correspondência: luiserlin@bol.com.br

Quem é Maria?...

Etel Maria Pereira da Costa

Esta seção quer tratar, de maneira clara, simples e didática, inúmeros itens da doutrina católica sobre a mãe de Jesus.

Maria é mãe só de Jesus ou teve outros filhos?

Essa questão de Maria ter tido outros filhos está diretamente relacionada com a questão da virgindade de Maria. Deve-se esclarecer, antes de mais nada, que o termo “primogênito”, usado para Jesus (*Lucas 2,7*), não implica por si mesmo o nascimento de outros filhos da parte de Maria. O termo indica a dignidade da criança e Lucas o usa em relação ao episódio da apresentação dos primogênitos (2,23). A respeito dos irmãos, Lucas fala deles sem mencionar os nomes, coisa que fazem também Marcos e Mateus. Estes acenam ainda à existência de irmãos de Jesus (*Marcos 3,32; 6,3; Mateus 12,46-50; 13,56*). Marcos não tem familiaridade com a tradição da concepção virginal de Maria, afirma com maior realismo que Jesus é irmão de Tiago, induzindo a pensar que se trata de verdadeiros irmãos. Mateus que, com Lucas, evidencia a concepção virginal é mais gradual e nota que os irmãos dele são Tiago, José... Os evangelhos não explicam a relação exata entre Jesus e eles, deixando o problema não resolvido. As soluções são diversas:

- os irmãos de Jesus são verdadeiros irmãos carnis;
- são filhos de José, fruto de um casamento precedente (*Protoevangelho de Tiago 8,3; 9,2*);
- são parentes em sentido amplo, isto é, primos (há, porém, um termo específico para explicar tal, este grau de



Mãe da ternura, pintura de Caravaggio.

parentesco: anepsiós, *Colossenses 4,10*. Essa compreensão de irmãos no sentido amplo tem seu fundamento no Antigo Testamento. Em *Gênesis 24,15.48* (Nacor, irmão de Abraão); *13,8*: Abraão diz a Lô: *não haja discussões entre nós porque somos irmãos*¹.

A Igreja Católica declarou “dogmas” sobre Maria. O que é DOGMA e quais são esses dogmas?

Dogmas são verdades de fé, definidas pela Igreja.

Ao defini-los, a Igreja assume uma atitude de defesa da fé. As origens mais remotas do dogma devem ser buscadas,

não no século passado, mas na Igreja primitiva, quando a comunidade apostólica, diante do conflito entre os judaizantes e os não-judaizantes, convoca o primeiro Concílio de Jerusalém e envia às outras Igrejas sua posição, dizendo: *Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós (Atos dos Apóstolos 15,28)*.

São quatro os dogmas marianos:

1. O dogma da maternidade divina.

Maria é declarada Mãe de Deus — A *THEOTÓKOS* (em Grego) (cf. *Lumen Gentium*, 61 a 68).

• Essa definição foi feita no Concílio de Éfeso em 431. Este dogma teve como principal objetivo a defesa de Cristo como verdadeiro Deus e não somente um homem.

• Contexto histórico — Surgimento das heresias.

• Fundamentação bíblica: Relações com a Trindade. O título “Mãe”, aparece 25 vezes no Novo Testamento.

2. Maria, virgem (cf. *Lumen Gentium* 63).

• Definição: A virgindade de Maria está muito unida à sua maternidade divina.

A virgindade de Maria é um dogma de fé proclamado no Concílio Lateranense no ano de 649, durante o pontificado do Papa Martinho I.

• Contexto histórico: surgimento das heresias.

• Fundamentação bíblica: *Mateus 1,23; Lucas 1,34*.

Senhora das Febres

Roque Vicente Beraldi

3. Imaculada Conceição (cf. *Lumen Gentium*, 56,61 e 68).

• Definição: Aos 8 de dezembro de 1854, o Papa Pio XI, mediante a Bula *Inefabilis (inefável)*, declarava solenemente como verdade de fé, a Imaculada Conceição da Virgem Maria.

• Contexto histórico: Modernismo; avanço das ciências políticas; socialismo - temor da Igreja.

• Fundamentação bíblica - implícitos: *Gênesis* 3,15; 28,12. *Êxodo* 25,10 (Templo puro de Deus, Nova aliança, Povo Novo. *Lucas* 1,28: *Alegra-te, cheia de Graça*).

4. Maria Assunta

• Definição: Esta verdade em que a Igreja sempre acreditou e se tornou dogma de fé ou verdade revelada e definida pela Igreja no dia 1º de novembro de 1950, quando Pio XII, com a Bula pontifícia “*Munificentissimus Deus*” (Deus generosíssimo) afirma: “Maria, encerrado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma”.

• Contexto histórico: Pós-Guerra, Europa devastada.

• Fundamentação bíblica: *Gênesis* 3,15; *Lucas* 1,28 (Plena de Graça); *Apocalipse* 12 (Luz que vence as trevas).



¹ CALIMAN, C., (ORG.), *Teologia e devoção mariana no Brasil*, nota 38, p. 97.

Etel Maria Pereira da Costa, NSM, é da Congregação Nossa Senhora Menina. Curso Filosofia e Teologia. Mestre em Teologia Dogmática, particularmente em Mariologia, Introdução à Teologia e Ecclesiology. Leciona a disciplina: “Maria na Espiritualidade Cristã”, na Faculdade Claretiana de São Paulo. ethelm@ensm.com.br

Se o leitor desejar fazer alguma pergunta sobre Nossa Senhora, escreva para:
revista@avemaria.com.br
ou para nosso endereço postal.

Tanto no Antigo Testamento como no tempo de Jesus as “febres” eram consideradas um castigo de Deus que ameaçava o pecador. Do mesmo modo, os outros males como o cego de nascença em João 9,2-3: *Caminhando, Jesus viu um cego de nascença. Os seus discípulos indagaram dele: ‘Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?’ Jesus respondeu: ‘Nem este pecou, nem seus pais, mas é necessário que nele se manifestem as obras de Deus.* O povo hebreu imaginava que com esses males os pacientes pagavam seus pecados.

Antes de Cristo, os médicos não davam nome específico às doenças, mas englobavam qualquer mal-estar na designação de febres. Na Palestina era comum encontrarem-se enfermos dos quais diziam estar com febre. O filho do oficial do rei (*João* 4, 52), *Jesus indagou então deles a hora em que o filho se sentira melhor. Responderam-lhe: Ontem à sétima hora a febre o deixou.*

Em *Mateus* 8,14-15, lemos sobre a sogra de Pedro: *Foi então Jesus à casa de Pedro cuja sogra estava de cama, com febre. Tomou-lhe a mão, e a febre a deixou. Ela levantou-se e pôs-se a servi-los.* Esta mesma narrativa se encontra ainda em *Marcos* 1,30 e *Lucas* 4,38. Também nos Atos dos Apóstolos relatam (28,8) — *Ora, o pai desse Públio achava-se acamado com febre.*

Certamente, evocando aqueles milagres de restituição da saúde corporal, o povo devoto confiou a Maria, como os Apóstolos o fizeram a Jesus. Não há dúvida de que a mãe carinhosa jamais deixa de interceder pelos sofredores de qualquer mal corporal ou espiritual. Daí, a expressão carinhosa de Senhora das Febres. É um título regional muito



Pinhira: Ratael de Sanzio, Senhora de Foligno, 1483

relacionado com Nossa Senhora dos Aflitos, dos Milagres e muitos outros.

Em nome dessa devoção, Senhora das Febres, foram erguidas capelas, povoados, como aconteceu em Portugal, onde há uma cidade com esse nome, e que lá chamam de Freguezia, na província do Douro, Conselho de Cantanhede, diocese de Coimbra... Lá se festeja Nossa Senhora das Febres com grande pompa. Na igreja de Santo Antônio, em Goa, (Índia), havia um altar dedicado a esse nome.

Essa devoção nos sugere que toda pessoa que se encomenda à Imaculada Conceição de Maria sob o título de Nossa Senhora das Febres encontra refúgio, quer para a cura de seus males ou encontra forças para suportar com resignação as dores decorrentes de enfermidades.

Oração

**Senhor nosso Deus,
concedei-nos sempre saúde de
alma e corpo. Fazei-nos, pela
intercessão da Virgem Maria,
Senhora das Febres, libertos das
tristezas presentes e gozemos as
alegrias eternas. Por nosso Senhor
Jesus Cristo, vosso Filho, na
unidade do Espírito Santo. Amém.**

A fascinante luta pelo renas



Ilustração: Maycon R. de Almeida

Ex-paciente de câncer e psicoterapeuta, Regina de Oliveira Fernandes lançou, pela Editora Ave-Maria, o livro: *Câncer: Renascendo para a vida, em que conta sua história, relatando seus medos, angústias, dores e principalmente vitórias. Ela trata do câncer e de suas implicações físicas e emocionais na vida das pessoas. Regina, hoje, está curada e trabalhando no suporte a pacientes com câncer. Vivenciou e vivência situações em que a luta pela vida pode se tornar o maior dos desafios. Sobre seu livro, concedeu a Cristiane Perri, do Marketing da Editora Ave-Maria, esta entrevista. Confira:*

AM: Aos olhos da população, o câncer é uma doença terrível. Qual foi sua reação ao saber que estava com câncer?

REGINA: Foi um momento de grande impacto. Por mais que estejamos informados a respeito das possibilidades de tratamento e cura do câncer, quando se recebe a notícia, existe sempre uma dúvida em relação à característica desse câncer, ao grau de invasão ou de metástases. É muito difícil uma pessoa receber a notícia de que está com a doença e ficar tranqüila. Tanto o paciente como seus familiares e amigos ficam preocupados. Fiquei muito assustada principalmente por me considerar uma

mulher saudável e ainda muito jovem.

Contudo, hoje sabemos que o câncer atinge as pessoas de todas as faixas etárias e os fatores que o desencadeiam são os mais diversos.

AM: Sentia algum tipo de dor, antes de descobrir? Como aconteceu o processo para a retirada do nódulo e a qual tratamento foi submetida?

REGINA: Eu não sentia dor alguma. Por isso o câncer é chamado de “o inimigo silencioso”. Geralmente a pessoa só vai sentir dor quando a doença já está em estágio avançado. Fiquei sabendo durante uma cirurgia que fiz para a retirada de um

nódulo benigno. No momento da cirurgia, enquanto a mama estava aberta, minha médica encontrou o tecido atingido pelo câncer em estágio inicial. Na verdade, se não houvesse acontecido aquela cirurgia, teria descoberto esse câncer talvez mais tarde, em outro estágio mais avançado.

Poderia ter sido pior. Após essa cirurgia, fui submetida a outra, no dia seguinte, quando foi retirado o quadrante da mama, onde fora descoberto o tecido atingido e também os linfonodos axilares.

Depois, passei por 31 sessões de radioterapia. Deveria tomar, por cinco anos, uma medicação para proteger a mama contra uma possível recidiva, mas meu organismo não se adaptou ao medicamento. Foi preciso, então, extrair os dois ovários, para impedir que o hormônio estrógeno continuasse sendo produzido e colocando em risco a minha saúde.

AM: O que a fortaleceu nos momentos em que se sentia mais fragilizada?

REGINA: O amor da minha família e dos meus amigos, o apoio recebido dos médicos, o suporte maravilhoso que recebi dos grupos de pacientes com câncer dos quais participei e a fé em Deus. Nossa Senhora e Jesus estiveram e estão o tempo todo ao meu lado, tenho plena convicção disso. Sempre que rezava, pedia que eles ficassem comigo, cuidassem de mim e iluminassem meus médicos e todos meus cuidadores. Nesses momentos, sentia profunda paz e conforto em todo o meu ser. Também foi muito bom continuar trabalhando, sentindo-me produtiva, fazendo planos para o futuro, enfim, vivendo e reorganizando a vida.

AM: Em algum momento pensou em desistir de viver?

REGINA: Não, de forma alguma. Isso

cimento!

nunca me passou pela cabeça, apesar de questionar, a partir daquele momento, o sentido da vida. Eu redimensionei a minha vida mudando muitas coisas. Tornei-me menos estressada, menos controladora e mais disponível para viver todos os momentos de forma mais leve e saudável. Passei a brincar mais, rir, divertir-me, deixar um espaço no meu dia-a-dia para o lazer, prestar mais atenção em mim e em minha família. Trabalhar menos, já que minha jornada diária chegava a 12 ou 14 horas.

AM: Durante esse período, você passou por algum grupo de apoio? Se sim, qual foi e qual a experiência que trouxe de lá?

REGINA: Particpei de dois grupos de apoio no ReVida¹ em São Paulo. Locais que acolhem o paciente com câncer com muito amor, carinho e atenção. O grupo compartilha suas experiências, cria um vínculo muito forte de união, respeito, aceitação. Um ajuda o outro e acaba esquecendo ou minimizando um pouco sua própria dor. Incrivelmente o que mais encontrei nos grupos de pacientes com câncer foi uma energia intensa de

vida em todos, independente do grau de sua doença. Aprendi com eles a viver melhor e a compreender a morte como antes não entendia.

AM: Hoje, que está curada, você continua participando de grupos de apoio?

REGINA: Não. Depois de ter participado desses grupos, coordenei alguns outros, que considero um trabalho ótimo, porque convivemos com pessoas maravilhosas que nos ensinam e nos engrandecem enquanto seres humanos, tornando-nos mais conscientes do que é amor e união.

AM: O que você diria para as pessoas que têm essa doença?

REGINA: Digo a elas que tenham sempre muita fé na vida. Dentro de todos, existe um cuidador que está atento, lutando pela nossa saúde e sobrevivência. Precisamos ativá-lo por meio de bons pensamentos, esperança, otimismo. Continuem vivendo normalmente, dentro das possibilidades de cada um, sendo úteis, produzindo, como for possível. Não julguem, nem se revoltam, mas abram um espaço em suas vidas para refletir sobre o que dá para melhorar, para tornar sua jornada mais prazerosa, amorosa e feliz. Entre um mal-estar e outro, continuem vivendo, fazendo as coisas de que gostam, acreditando na vida e sabendo que é possível superar os problemas com tranquilidade e paz.

Se a pessoa tem serenidade para pensar e viver, todo o ambiente muda, e principalmente, o metabolismo do seu corpo. Seu organismo reagirá melhor aos tratamentos, seu sistema imunológico ficará fortalecido e terá melhores condições de combater o câncer. Tenham em mente que só existe saúde mesmo quando o "tripé" da vida, formado pelos níveis físico, emocional e espiritual, estiver alinhado e em perfeita harmonia.

A autora, no lançamento de seu livro: Câncer, renascendo para a vida, na Bienal do livro no Rio de Janeiro de 2005.

AM: De tudo que acontece em nossas vidas tiramos uma lição, qual a lição aprendida com tudo que passou?

REGINA: Sei que o câncer não é o melhor caminho para aprendermos a viver bem. Infelizmente esse foi o meu caminho, mas não precisa ser e não será o de todos. Reforço aqui a necessidade de todas as pessoas refletirem constantemente sobre a qualidade de suas vidas e relacionamentos. Um dos grandes "gatilhos" para o desenvolvimento do câncer é o estresse e não estamos livres dos agentes estressores que a vida naturalmente nos impõe. Mas podemos aprender a lidar com eles, tornando-nos menos vulneráveis, estabelecendo nossos limites e não criar ou buscar mais problemas desnecessariamente.

Aprender a dizer "não" na hora certa não arranca pedaço de ninguém e pode salvar sua vida. Aprender a dizer "sim" a si mesmo ou ao outro na hora certa é muito saudável. O melhor de tudo é que podemos tomar todas as atitudes que julgarmos necessárias com amor e respeito pelos outros e por nós mesmos.

1. ReVida - Rua Maysa Figueira Monjardim, 67 - Vila Clementino - S. Paulo, SP - 04042-050 - Tel.: (11) 5581-6766.



Foto: Cristiane Perri

LIVRO DA AUTORA

Preço R\$ 29,90

Faça seu pedido hoje mesmo!

Televendas:
0800 7730 456

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.



Maria orava bem

Nossa Senhora da Conceição
Aparecida, Padroeira do Brasil

12 de outubro

INTRODUÇÃO

Maria foi concebida sem pecado, mas nem por isso foi isenta do sofrimento, como também seu Filho, Jesus. Ao meditarmos sobre suas vidas, aprendamos com ele e com ela a tomar as rédeas de nossos problemas com a força de Deus.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Ester 5,1b-2;7,2b-3

Ester conseguiu obter a salvação sua e do seu povo com a oração. A liturgia nos propõe esta leitura para a festa de Nossa Senhora Aparecida, antes de tudo, para nos recordar que, diante de qualquer problema, devemos, em primeiro lugar, orar bem.

E como Maria orava bem? Ela não pedia milagres que lhe tornassem mais cômoda a vida. Sua oração era sempre uma procura e aceitação da vontade de Deus a respeito dela e de seu Filho. Ou seja, não dissociava a oração da sua vida. O “faça-se em mim a sua vontade” era seu programa de vida. Ensina seu Filho a fazer sempre o bem

aos outros e, junto com José, por onde passava, dava exemplo disso.

Em outras palavras, não buscava convencer Deus a modificar seus planos e projetos, mas, por sua humildade, recebia dele luz e força para aceitar as dificuldades e partir para buscar solução.

Imitando Maria, não nos deixemos enredar por orações “fortes” e “infallíveis”. O que tem de ser forte é nossa fé! Busquemos sim a “força de Deus” no cumprimento de nossos deveres, para rezarmos bem. Sua bênção, então, descerá sobre nós com toda a certeza e aprenderemos a conviver com ele, como Maria.

Para meditação: Salmo 44,11-12a.12b-13.14-15a.15b-16 (Refrão: *Que o rei se apaixone por tua beleza!*) Este hino à vida e ao amor, é aplicado a Nossa Senhora. Louva-se sua beleza espiritual, única no mundo.

2ª leitura: Apocalipse 12,1.5. 13a. 15-16a

Os estudiosos da *Bíblia* ensinam que João, quando escreveu este trecho, não se referia a Nossa Senhora, mas à Igreja. O *menino* era evidentemente Cristo. O *dragão* e a *serpente*, símbolos do mal, das forças contrárias à salvação, significavam os inimigos de Deus e dos seus desígnios de amor.

Essas forças destruidoras queriam atacar o “Messias”, desde o dia de seu nascimento que — note-se bem — não é o do acontecimento ocorrido em Belém, mas o do dia da Páscoa, no qual Jesus de Nazaré, saindo do sepulcro, revelou-se como Cristo, como Messias. A partir daquele momento, as forças do mal se voltaram contra ele. Mas, já acolhido junto do Pai em sua glória, é inatingível.

Maria, além de ser nossa mãe, é nossa irmã que compartilha conosco dos dramas deste mundo, caminhando junto com toda a comunidade da Igreja. Acompanha-nos nos momentos

difíceis das tentações, do desânimo, da luta contra o mal.

Aclamação ao Evangelho (João 2,5b): Aleluia, aleluia, aleluia. *Fazei tudo que meu Filho vos disser.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho João 2,1-11

Diante de um problema, Maria não se deixa dominar por ele. Mas busca a solução.

Devotos de Nossa Senhora Aparecida são aqueles, portanto, que, em todas as circunstâncias da vida, nas alegres e nas tristes, olham para ela como para uma irmã que passou pelas mesmas situações, e vivem-nas com a mesma confiança que Maria teve na proteção de Deus.

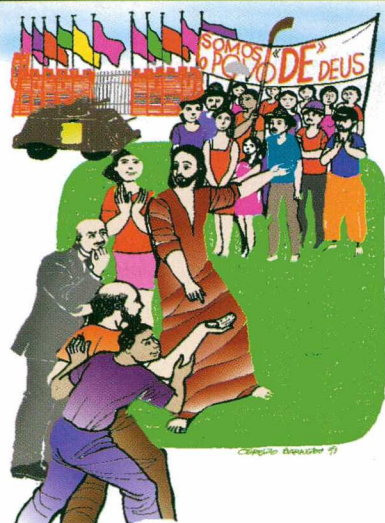
Assim, a festa de casamento *sem vinho* representa a situação triste do povo de Israel, desiludido e insatisfeito, que substituiu o ímpeto de amor para com o Senhor pelo cumprimento formal de disposições jurídicas da Lei.

Aquele modo de relacionar-se com Deus nunca proporcionou alegria e, não obstante, é tentação ainda hoje entre nós: algumas vezes, limitamo-nos somente a práticas religiosas, à rígida observância de deveres, e mesmo à repetição obsessiva de ritos cujo significado às vezes nem conhecemos.

Ser devoto de Nossa Senhora Aparecida significa cultivar a mesma sensibilidade de Maria e buscar o “vinho novo”, trazido por Jesus: *amar os irmãos como a nós mesmos.*

REFLEXÃO

Oferecemos a Deus nossa vida, aceitando seus desígnios? Por onde passamos, fazemos o bem? Oramos a Maria como companheira de caminhada para o Pai, pronta para nos ajudar a amar os irmãos? Buscamos o “vinho novo” de Cristo que nos ensinou a perdoar até os inimigos?



Somos sagrados, somos de Deus!

29º domingo do Tempo Comum
16 de outubro

INTRODUÇÃO

Sempre existem indivíduos ou instituições que consideram o homem como um objeto e propriedade deles. Quem nos rouba de Deus tem de nos restituir a ele, imediatamente!

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Isaías 45,1.4-6

Oque é tratar o outro como objeto? É, por exemplo, explorar o operário, não registrá-lo ou não pagar seus direitos; usar o corpo da mulher como instrumento de prazer; submeter a própria esposa a humilhações e considerá-la como uma empregada.

Deus nos fala por meio de Isaías: *Sou eu o Senhor, e não há outro: não há Deus, senão eu. Eu te escolho, ainda que não me conheças* (v.5).

Há uma criatura sobre a qual está impressa a imagem de Deus. Esta é sua e somente sua, ninguém pode apropriar-se dela indevidamente. Qual é? Na Bíblia, encontramos a resposta: *Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou* (Gênesis 1,27).

Eis a criatura que não pode pertencer a mais ninguém senão a Deus: o homem. Ninguém poderá dominar-nos, escravizar-nos, oprimir-nos, aproveitar de nós como se fôssemos objeto de sua propriedade.

Para meditação: Salmo 95,1.2a.3.4-5.7-8.8-10a e c (Refrão: *Tributai ao Senhor glória e poder*). O salmista louva ao Deus único, Criador e soberano do mundo a quem todos os povos são convidados a prestar homenagens e trazer sacrifícios. E canta que seja proclamada por toda a parte a inauguração do seu reino divino. A natureza toda aplaude a chegada do Deus justo e fiel.

2ª leitura: 1 Tessalonicenses 1,1-5b

Esta carta aos cristãos de Tessalônica, de 50 depois de Cristo, foi o primeiro livro do Novo Testamento a ser escrito. Antes, portanto, dos evangelhos, que apareceram somente cerca de dez anos depois.

Paulo recebe notícias de que sua rápida pregação do Evangelho naquela cidade tinha produzido fruto, a ponto de aqueles cristãos não estremecerem diante de nenhuma dificuldade e provação, nem mesmo diante do perigo de perder a vida por causa das perseguições.

O Apóstolo vislumbra a obra de Deus e o poder do seu Espírito no progresso espiritual, levado a bom termo naquela comunidade.

Não só somos criados à imagem de Deus, mas também dele vem a força que faz crescer a semente da Palavra e a de nossas boas ações. Não podemos nos desligar de Deus, nunca. *Porque sem mim, nada podeis fazer* (João, 15,5).

Aclamação ao Evangelho

Evangelho: Mateus 22,15-21

É permitido, ou não, pagar o imposto a César? — perguntaram a Jesus os fariseus, acompanhados de

simpatizantes do rei Herodes. Era uma armadilha para pegar o Mestre em erro. Por quê? Porque fosse qual fosse sua resposta, traria consigo alguns riscos. Se ele se pronunciasse contra o pagamento dos impostos, podia ser denunciado aos romanos como subversivo; se ele se declarasse favorável, atrairia sobre si as antipatias do povo que odiava os romanos colonizadores.

Jesus, ao responder-lhes, denunciava-lhes a hipocrisia. Porque a moeda prescrita para pagar o tributo trazia a imagem do imperador Tibério; usá-la era consentir numa forma de idolatria. Ora, a Escritura proibia pintar ou esculpir a imagem de um homem.

Jesus pede-lhes uma moeda. Inguenuamente eles a mostram. Portanto, eles a possuíam e a usavam. Era possível que os seus escrúpulos religiosos só aparecessem quando se tratava de pagar impostos? E pergunta: *De quem é esta imagem?* Responderam-lhe: *De César*. Conclui Jesus: *Dai a César o que é de César*. É como se dissesse: se vocês aceitam a idolatria, se vocês trocam Javé por César, sejam coerentes e entreguem-lhe o tributo! A moeda devia, então, ser restituída a César, porque nela estava impressa a imagem do seu senhor: o imperador.

Jesus, além disso, diz: *Dai a Deus o que é de Deus*. Ou seja é preciso restituir a Deus o que é de Deus! — Somos criaturas de Deus. Somos sagrados, somos de Deus.

REFLEXÃO

Temos consciência de que somos imagens de Deus? Levamos isso em conta no trato com nossos familiares? “Aproveitamo-nos” deles, de alguma forma, como se fossem um objeto nosso? Acreditamos que a imagem de Deus está impressa no rosto de cada pessoa (principalmente nos pobres), e como tal respeitamos-lhe a dignidade?



LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE SETEMBRO

**22ª SEMANA DO TEMPO COMUM**

1º - Quinta: Cl 1,9-14 = Súplica: agradai ao Senhor, frutificai, crescei, agradecidos. Sl 97. Lc 5,1-11 = Pesca milagrosa; primeiros discípulos. **2 - Sexta:** Cl 1,15-20 = Eminência de Cristo, imagem de Deus, primogênito. Sl 99. Lc 5,33-39: Jejum na ausência do Esposo, remendo novo, recipiente novo. **3 - Sábado:** Cl 1,21-23 = Sl 53. Lc 6,1-5 = Espigas colhidas no sábado: Jesus, Senhor do sábado.

**23ª SEMANA DO TEMPO COMUM**

5 - Segunda: Cl 1,24 — 2,3 = Paulo, ministro da palavra da salvação em Jesus Cristo. Sl 61. Lc 6,6-11 = Cura de um braço paralisado. **6 - Terça:** Cl 2,6-15 = Em Cristo sepultados, ressuscitados, perdoados, tendes tudo. Sl 144. Lc 6,12-19 = Escolha dos Doze; curas numerosas. **7 - Quarta:** Cl 3,1-11 = Vida nova em Cristo: se ressuscitastes com Cristo... Sl 144. Lc 6,20-26 = Bem-aventuranças e imprecações. **8 - Quinta:** *Natividade de Nossa Senhora.* Mq 5,1-4a = Tu, Belém-Éfrata, não és a menor... Sl 70. Mt 1,1-16.18-23 = Árvore genealógica e nascimento de Jesus. **9 - Sexta:** 1Tm 1,1-2.12-14 = Paulo, objeto das atenções de Deus. Sl 15. Lc 6,39-42 = Atitude do discípulo: guia cego, cisco e trave no olho. **10 - Sábado:** 1Tm 1,15-17 = Jesus Cristo veio para salvar os pecadores. Sl 112. Lc 6,43-49 = Árvore de frutos bons e árvore de frutos ruins.

**24ª SEMANA DO TEMPO COMUM**

12 - Segunda: 1Tm 2,1-8 = A oração por todos os homens. Sl 27. Lc 7,1-10 = Cura do servo do centurião: Senhor, eu não sou digno... 13 - **Terça:** 1Tm 3,1-13 = Funções eclesiais: bispos, diáconos. Sl 100. Lc 7,11-17 = Ressurreição do filho da viúva de Naim. **14 - Quarta:** *Exaltação da Santa Cruz.* Nm 21,4b-9 = Todo aquele que for mordido e olhar a serpente de bronze ficará curado. Sl 77. Jo 3,13-17 = É necessário que o Filho do Homem seja levantado. **15 - Quinta:** *Nossa Senhora das Dores.* Hb 5,7-9 = Cristo aprendeu a obediência e tornou-se princípio de salvação eterna. Sl 30. Jo 19,25-27 = Mulher, eis o teu Filho! **16 - Sexta:** 1Tm 6,2c-12 = Piedade desinteressada. Sl 48. Lc 8,1-13 = Piedosas mulheres acompanham Jesus. **17 - Sábado:** 1Tm 6,13-16 = Guarda o mandamento até a aparição de Jesus Cristo. Sl 99. Lc 8,4-15 = Parábola do semeador.

**25ª SEMANA DO TEMPO COMUM**

19 - Segunda: Esd 1,1-6 = Ciro, rei da Pérsia, autoriza o regresso dos cativos. Sl 125. Lc 8,16-18 = Lâmpada à vista. **20 - Terça:** Esd 6,7-8.12b. 14-20 = Reconstrução e consagração do templo. Sl 121. Lc 8,19-21 = Mãe e "irmãos" de Jesus. **21 - Quarta:** *S. Mateus, Apóstolo.* Ef 4,1-7. 11-13 = Cristo concedeu a uns ser apóstolos, a outros, evangelistas. Sl 18. Mt 9,9-13 = Jesus disse-lhe: "Segue-me". E ele, levantando-se, seguiu-o. **22 - Quinta:** Ag 1,1-8 = Primeiro oráculo: é necessário reconstruir a casa de Deus. Sl 149. Lc 9,7-9 = Opinião de Herodes sobre Jesus. **23 - Sexta:** Ag 1,15b — 2,9 = Segundo oráculo: Deus promete vir ao novo templo. Sl 42. Lc 9,18-22 = Pedro declara sua fé em Jesus; primeiro anúncio da Paixão. **24 - Sábado:** Zc 2,5-9.14-15a = Deus dispersará os inimigos e habitará com os seus. Cânt.: Jr 31,10-13. Lc 9,43b-45 = Segundo anúncio da Paixão.

**26ª SEMANA DO TEMPO COMUM**

26 - Segunda: Zc 8,1-8 = Deus deseja ardentemente a salvação de seu povo. Sl 101. Lc 9,46-50 = Questões de vaidade e de ciúme: ser como criança. **27 - Terça:** Zc 8,20-23 = Peregrinos estrangeiros afluirão a Jerusalém. Sl 86. Lc 9,51-56 = Jesus repellido por parte dos samaritanos. **28 - Quarta:** Ne 2,1-8 = Neemias recebe o encargo de restaurar Jerusalém. Sl 136. Lc 9,57-62 = Deixar tudo para seguir Jesus: três casos de vocação. **29 - Quinta:** *S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael Arcanjos.* Dn 7,9-10.13-14 = dezenas de milhares o serviam. Sl 137. Jo 1,47-51 = Vereis os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem. **30 - Sexta:** Br 1,15-22 = Confissão dos pecados e oração dos exilados. Sl 78. Lc 10,13-16 = Ai de vós, Corozaim, Betsaida, Cafarnaum; ai de quem não me ouviu!

Estou bonita?

Antônio José Eça

Dentro do tema, matrimônio, pretendo falar alguma coisa sobre determinadas posturas, muito comuns em nossas vidas, que começam no: "Estou bonita?", continua pelo: "Que roupa eu ponho?", ou aquele pior: "Você vai sair assim?!"

Cada um de nós sabe quão freqüente é a possibilidade de encontrar um marido ou uma mulher deste tipo. O pior é que cada um de nós também sabe que para cada marido ou mulher assim, existe o seu correspondente ou "avesso", ou seja, sempre tem aquele que pergunta e aquele que responde.

Vamos ver a coisa toda de perto, começando pelo "Estou bonita?". Por que será que eu preciso perguntar isto? Alguém poderá dizer: "É gostoso receber um elogio, só isto". Se é verdade que é gostoso receber um elogio (e é mesmo), será que não é mais gostoso quando ele vem espontaneamente?

Assim, o que talvez não estejamos considerando é que, quando eu preciso perguntar para alguém se estou bonita ou bonito para que a outra pessoa me note e elogie, na realidade sou eu mesmo que estou me elogiando. Afinal, todo mundo só espera uma resposta: "Claro, está linda(o)".

Ora, se é isto que eu espero, por que eu mesmo não aprendo a falar para mim que eu estou bem? E, mais ainda, se eu achar que estou bem, que vai importar o que os outros acham, mesmo que este "outros" sejam o nosso marido ou a nossa mulher?

Talvez seja necessário considerar que é preciso estar bem para nós e aos nossos olhos, mesmo quando a pessoa que está ao nosso lado não gostar muito.

É como aquela história do "Que roupa eu ponho?". Se você notar bem, é muito

freqüente que, ao perguntar isto, a pessoa queira receber uma resposta do tipo: "Ponha aquela X", para logo em seguida contra-perguntar: "E aquela Y, não é melhor?". É bem provável até que alguns de nós já tenham vivido essa situação!

Então eu pergunto: será que tudo isto é necessário? Não seria muito mais simples agir pela minha própria cabeça, pela minha própria vontade, e acabar de uma vez por todas com esta necessidade de me afirmar através dos outros, que aliás nem sempre podem dar uma opinião adequada? Não podem dar uma opinião adequada porque, na verdade, já é difícil que cada um cuide de si próprio, quanto mais cuidar, opinar e decidir pelas coisas do outro! Já pensou?



Foto: Arquivo

Quem vai usar o terno azul, ela ou você? Quem vai usar a saia xadrez, ele ou você? Quem, afinal tem que gostar da roupa?

É como aquela situação freqüente, vivida principalmente por algumas mulheres que, ao chegarem belas e formosas na sala, prontas para sair, o "maridinho" fala: "Você vai com esta roupa? Nem morta!" (fazendo, é claro, cara correspondente). E, o que é pior, elas dão meia volta, vão lá para dentro e trocam de roupa, já que o "maridinho" não gostou.

Alguma vez já paramos para nos perguntar coisas do tipo: "Por que será que ele fala assim?" ou ainda: "Que será que acontece se eu não obedecer"?

Vamos pensar: aquele maridinho tão zeloso e preocupado só está falando assim porque estamos deixando. Uma vez ele falou assim, nós aceitamos e fomos cumprir sua ordem. Ora, com isto ele percebeu que era muito mais fácil tomar uma atitude desta e fazer uma cena do que tentar entender que é ele quem está incomodado, pois muito provavelmente você está chamando mais atenção do que ele. Quando ele fala algo do tipo "com esta roupa você não vai", na realidade muito provavelmente ele está falando que "com esta roupa você não vai *porque assim vai ser mais notada do que eu e eu não suporto vê-la se sobressaindo, gostosa, sendo notada e admirada*". Então, o que será que acontece se, quando ele falar isto, receber a seguinte resposta: "OK, se você não vai comigo assim, você fica, porque eu vou, e vou com esta roupa".

Pode ser que ele faça um começo de cena, ou pode ser que ele não vá. Pode ser também que vá, mas emburrado. No entanto, somente quando se enfrentarmos tais situações é que se vai conseguir mudar alguma coisa. É por aí que começaremos a ser respeitados pelo que somos, pelo que gostamos e pelo que acreditamos. Não arredar pé das nossas posições razoáveis é a única maneira de conseguir respeito, crescimento e confiança, até o ponto de não precisar perguntar mais nada para ninguém, porque afinal: "eu é que estou me achando bonita".

Pense nisto.



Antônio José Eça é mestre em Psicologia Social e professor de Psicopatologia na Faculdade de Psicologia da Universidade São Marcos. Médico psiquiatra e psicoterapeuta existencial. Autor de vários livros.

Sugestão para o Dia dos Pais

Entrada

Ingredientes

6 xícaras/chá de maçãs picadas (8 maçãs).

3 xícaras/chá de salsão picado

Suco de 1 limão.

2 xícaras/chá de nozes picadas

$\frac{1}{2}$ litro de maionese.

$\frac{1}{2}$ colher/café de sal

Miolo de 2 pés de alface (folhas verdes claras).

$\frac{1}{2}$ xícara/chá de nozes para enfeitar

6 envelopes de salmão em conserva

4 colheres/sopa de azeite

1 colher/sopa de vinagre

SALADA WALDORF COM SALMÃO

Modo de preparar

1. Junte aos pedaços de maçã o caldo de limão (para que eles não escureçam), as nozes picadas, $\frac{2}{3}$ da maionese.

2. Arrume a salada na travessa e cubra-a com maionese. Enfeite com $\frac{1}{2}$ xícara/chá de nozes, coloque as folhas de alface em volta, e sobre elas, ponha os filés de salmão, formando rolinhos.

Nota: Lave os filés de salmão em água filtrada para que percam um pouco o sabor da salmoura. Coloque-os num prato e, separadamente, misture o azeite e o vinagre.

3. Espalhe sobre eles, em fio, todo o molho que no momento de enrolá-los é escorrido.

4. Deixe-os de molho, por 15 minutos, antes de usar.

Prato principal



Ingredientes

Ovos inteiros

Água com sal

Farinha de trigo

Algumas batatas

Manteiga ou margarina

Queijo parmesão ralado

Molho para macarronada

NHOQUE AO MOLHO DE MACARRONADA

Modo de preparar

1. Descasque as batatas, lave-as e cozinhe-as bem na água com sal. Em seguida passe-as pelo espremedor e meça quantas colheres de massa obteve.

2. Para cada dez colheres/sopa de massa, junte três de farinha de trigo, uma colher/sopa de manteiga, três ovos inteiros e três colheres/sopa de parmesão ralado.

3. Misture tudo muito bem, até que a massa fique bem ligada.

4. Polvilhe com farinha de trigo uma mesa ou mármore, tome bocados de massa, enrole-os da grossura de um dedo, corte esses rolos em pedaços pequenos (os nhoques) e vá colocando em cima da mesa de mármore.

5. Preparados todos os nhoques, leve-os a cozinhar em água fervente com sal. Quando subirem à tona, estão cozidos. Retire os nhoques cozidos com escumadeira e escorra-os muito bem.

6. Cozidos e escorridos, arrume em uma travessa, uma camada de nhoque, polvilhe-os com queijo ralado, cubra com o molho, e vá fazendo assim até acabarem os nhoques, de modo a terminar com uma cobertura de molho.

Sobremesa

Ingredientes

5 ovos

1 xícara/chá de água

1 xícara /chá de nescau

2 xícaras/chá de açúcar

2 xícaras/chá de farinha de trigo

1 colher/sopa de fermento em pó.

Recheio

1 lata de creme de leite sem soro

1 copo de chocolate em pó

250 g de manteiga sem sal

1 copo de açúcar

BOLO DE CHOCOLATE

Modo de preparar o bolo

1. Coloque no liquidificador o açúcar, a água, o nescau e as gemas. Bata por 10 minutos.

2. Bata as claras em neve.

3. Coloque a mistura do liquidificador sobre a farinha e o fermento em pó. Mexa delicadamente, sem bater, colocando as claras em neve.

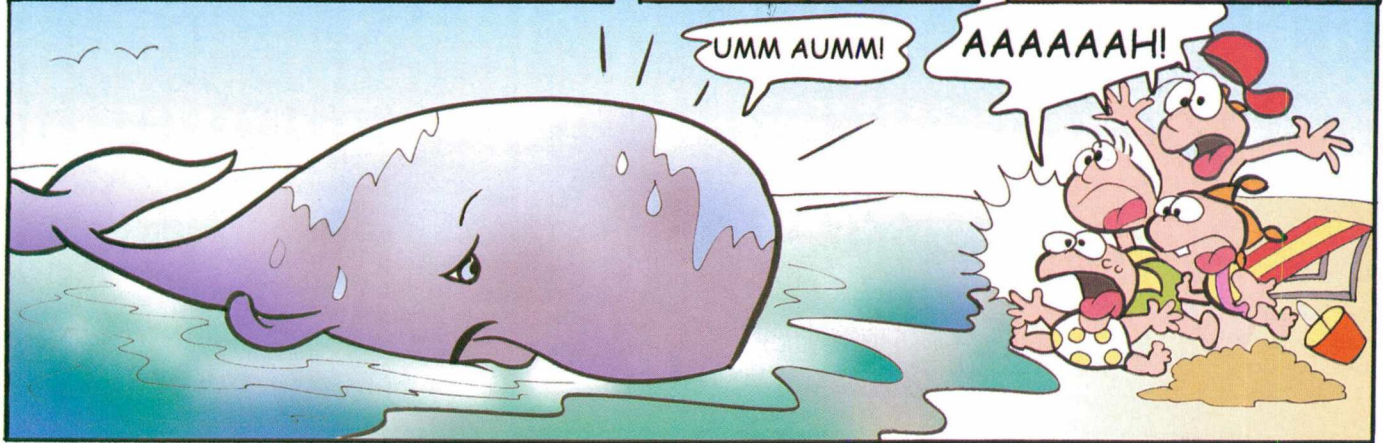
4. Leve ao forno para assar.

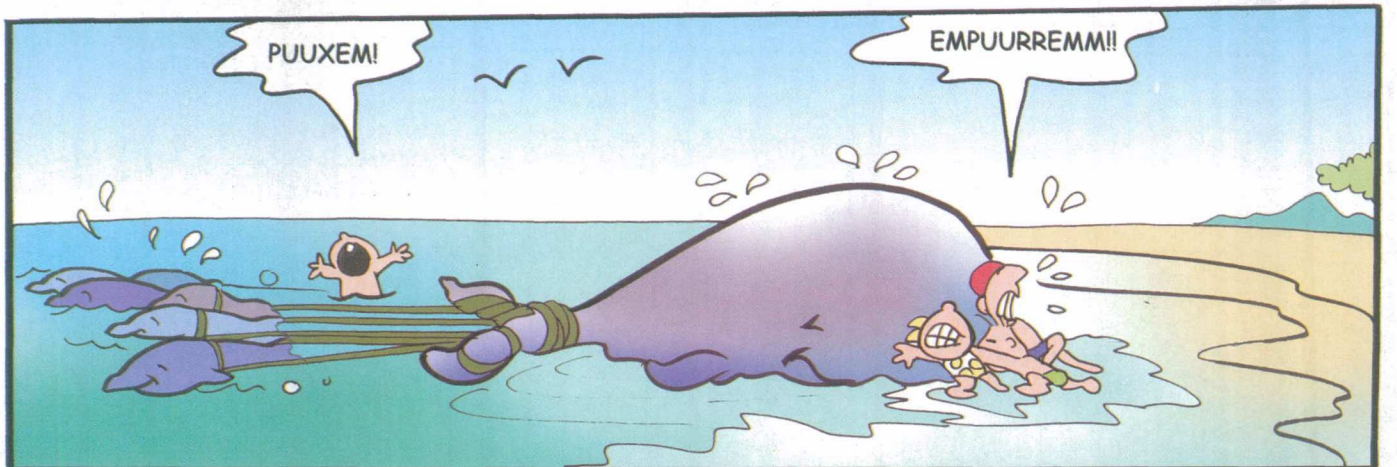
Modo de preparar o recheio

1. Bata o açúcar e a manteiga muito bem. Junte o chocolate e o creme de leite e bata só para misturar. Asse em fôrma bem untada.

2. Corte o bolo ao meio (horizontalmente) e regue muito bem com 1 copo de leite e 1 colher sopa cheia de nescau.

3. Recheie e cubra o bolo. Enfeite com chocolate granulado e lascas de chocolate.







NÃO VAMOS CONSEGUIR!

NÃO DESISTA, AMIGUINHA!
TENTE SE MEXER!



SOLTOU-SE!!

MUITO BEM!!

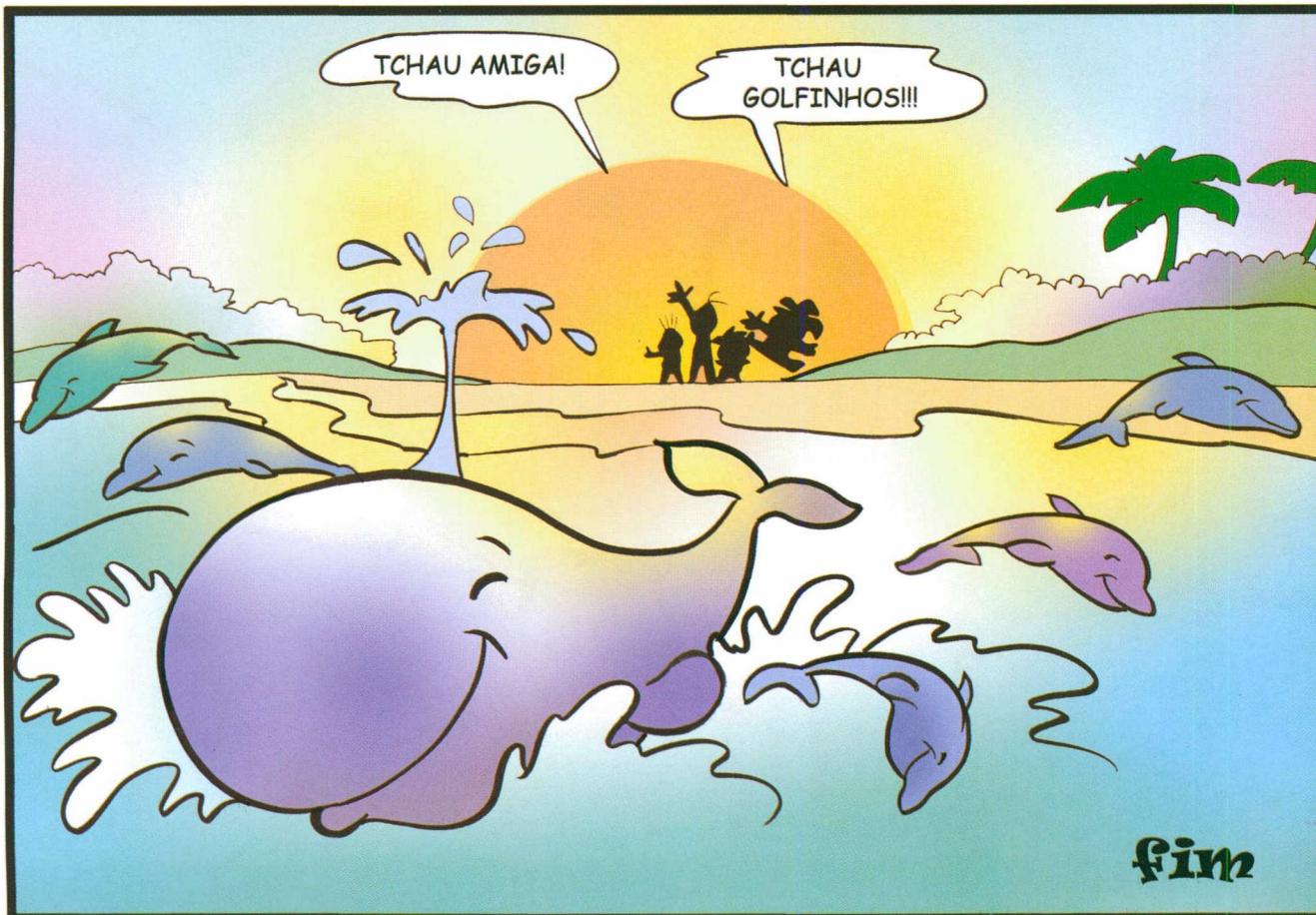
CONSEGUI-
MOS!



VIU SÓ!? A FÉ
REMOVE MONTANHAS



ATÉ MESMO BALEIAS, QUE SÃO
QUASE DO TAMANHO DE
MONTANHAS!



TCHAU AMIGA!

TCHAU
GOLFINHOS!!!

fim

revista Ave MARIA



PRIMEIRA
REVISTA
CATÓLICA
MARIANA
DO BRASIL

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

**Mala Direta
Postal**
7214357200/2004 -DR/SPM
**AÇÃO SOCIAL
CLARETIANA**
CORREIOS



**Leia e assine
a revista
Ave Maria**

**Apenas R\$ 25,00 por ano
e você receberá a revista
todos meses**

Não perca esta oportunidade!

**Ligue, grátis, de qualquer parte
do Brasil para:**

**0800-555-021
ou (11) 3666-2128**

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — compromisso com o Evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também esta mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da AVE MARIA a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima?

O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, artigos enfocando problemas atuais, além de estórias e joguinhos infantis que ajudam a crescer nossas crianças.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria por meio da revista. É muito fácil e simples fazer sua assinatura.